

UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

**ESPAÇO E VIDA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA
DE HANSENIANOS EM ANTÔNIO DIOGO**

LUANISIA BRAULINO DA SILVA

REDENÇÃO – CE
2014

LUANISIA BRAULINO DA SILVA

**ESPAÇO E VIDA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA
DE HANSENIANOS EM ANTÔNIO DIOGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sob a orientação do Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza

REDENÇÃO- CE
2014

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

S578e Silva, Luanisia Braulino da.

Espaço e vida: reconstruindo a história de hansenianos em Antônio Diogo. / Luanisia Braulino da Silva. – Redenção, 2014.

64 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza.

Inclui figuras e referências.

1. Hanseníase. I. Título.

CDD 616.998

LUANISIA BRAULINO DA SILVA

**ESPAÇO E VIDA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA
DE HANSENIANOS EM ANTÔNIO DIOGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sob a orientação do Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza – UNILAB (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Larissa Oliveira e Gabarra – UNILAB (Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Carla Susana Alem Abrantes – UNILAB (Examinadora)

Dedico com todo amor e carinho a todo aquele que ocupou o trem da viagem e reconstruiu sua vida com lutas pelo amor à vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e determinação para superar as dificuldades, que através da força do teu espírito, superarei as dificuldades encontradas no caminho. E conseguir, mas uma conquista ao concluir este trabalho, acrescentando, assim, ainda mais a minha paixão por viver.

A esta instituição, direção e administração que oportunizaram caminhos que hoje me faz concretizar um ensino superior.

Aos professores, mestres e doutores da UNILAB que a mim repassaram seus conhecimentos, fazendo que meu desenvolvimento fosse o melhor possível.

Ao meu orientador Américo Souza, pelo suporte no tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos, que acreditou em mim; que ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas idéias, conhecimento e experiências e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão pela sua amizade, por ser um profissional extremamente qualificado e pela forma humana que conduziu minha orientação.

Ao coordenador do meu curso Maurílio Machado, e com sua capacidade e empenho de coordenar o Curso de Ciências Humanas, sempre esteve disposto à melhor atender, me proporcionou chegar até aqui.

A Professora Carla Susana que, com sua delicadeza, me incentivou a esta pesquisa.

A minha Mãe Maria Heneide, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, em horas difíceis, de desânimo e cansaço. A ela, o meu sincero “muito obrigado” por toda a alegria, e estar comigo em todos os momentos me ajudando a construir meu caminho, contribuindo para que esse sonho se tornasse realidade.

Ao meu Pai José Braulino (In memoriam), que infelizmente não estar ao meu lado, mas que me ensinou a buscar os meus objetivos.

Aos meus irmãos, Antonio José, Luana e Ediglê que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, preocupando-se até com os problemas pessoais pelos quais passei durante esse período de construção do TCC.

A toda minha família, Avó, Tios, Tias, primas e primos que sempre me incentivando, compreendendo as ausências nas comemorações familiares.

Ao meu namorado Junior Pinheiro, amigo e companheiro que compartilhou comigo os momentos difíceis da minha vida me dando força, carinho e compreensão pelas vezes que me dediquei aos trabalhos acadêmicos o privando de minha companhia.

Aos meus amigos, pelas orações e pensamentos positivos para que eu pudesse alcançar meus objetivos. Que sempre se fez presente em minha vida por palavras de encorajamento através de sua experiência e vivência pessoal, pelos momentos de lazer que foram essências neste percurso onde rimos e nos ajudamos mutuamente.

A todos os meus amigos do curso de BHU, pela compreensão, apoio, incentivos constantes e principalmente pelo carinho e companheirismo nos momentos em que a tarefa parecia grande, pesada demais, quase impossível, pude compartilhar de minhas angustias, inquietações, ansiedades e assim amenizá-las através das suas companhias para o melhor rendimento e desenvolvimento do trabalho de TCC.

Aos moradores e a parte administrativa da Colônia Antônio Diogo, por me atenderem, disponibilizarem tempo para as entrevistas, documentos, compartilhando as suas histórias de vida, colaborando assim para concretizar este estudo.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho, dividido em dois capítulos distintos e complementares, tem como tema a trajetória histórica de portadores de hanseníase internados na Colônia Cristina, em Antônio Diogo. No século XX, Fortaleza passou por vários problemas que envolvia saúde pública, sem uma política de profilaxia e o medo de contágio a população deliberou pessoas acometidas pela hanseníase a viver o isolamento compulsório. Vários movimentos sociais, filantrópicos buscaram meios para afastá-los da sociedade. Os discursos eram de insatisfação da população sã em conviver com os doentes no meio urbano. Por meio desses discursos muitos hansenianos vieram viver bem distantes da capital, abandonados pelos familiares e isolados na localidade de Antônio Diogo. As análises da pesquisa apontam que as experiências vividas, no espaço e vida dos hansenianos deixaram sequelas profundas, não só as físicas, mas também psicológicas, pois a segregação criou um estigma, preconceito. Porém as novas configurações sobre a doença deram novos sentidos, e possibilidade de expectativa e reconstrução de suas histórias no ambiente que se tornou restrito e pequeno. E assim serão discutidas as perspectivas futuras para o reconhecimento da pluralidade do existir.

Palavras-Chaves: Hanseníase. Segregação social. História de Redenção.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
I - CAPÍTULO – POR QUE À CONSTRUÇÃO DO LEPROSÁRIO EM ANTÔNIO DIOGO	
1.1 - A Tese do Isolamento Compulsório.....	11
1.2 - O Mal de Lázaro nas Ruas de Fortaleza.....	12
1.3 - A Construção do Leprosário em Canafistula (Antônio Diogo).....	18
II- CAPÍTULO: EXPERIÊNCIAS DOS INTERNOS NO LEPROSÁRIO	
2.1 - O Viver Segregado: A Inclusão / Exclusão Social nos Espaços da Sociedade e do Leprosário.....	24
2.2 - A Reação das Pessoas da Localidade com a Construção do Leprosário.....	31
2.3 - Dificuldades Sociais e as Expectativas de Futuro.....	34
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXOS	
Anexo A.....	49
Anexo B.....	50
Anexo C.....	51
Anexo D.....	52
Anexo E.....	53
Anexo F.....	54
Anexo G.....	55
Anexo H.....	56
Anexo I.....	57
Anexo J.....	58
Anexo K.....	59
Anexo L.....	60
Anexo M.....	61
Anexo N.....	62

INTRODUÇÃO

Esta monografia é um esforço de compreensão sobre um problema social que marcou vida de gerações no século XX, a segregação de pacientes vítimas da hanseníase.

No início do século passado, a compreensão cristã da lepra (nome popular da hanseníase) como a expressão física dos males da alma pecadora, somada à popularização das teses higienistas, elaboradas pelos médicos, ainda no século XIX, levaram ao fortalecimento das práticas isolacionistas, praticadas desde a antiguidade, como principal medida aplicada aos hansenianos.²

Para este fim, em todo o Brasil, foram construídos diversos lazaretos, públicos e privados, para abrigar os doentes e apartá-los do convívio social com os sãos.³ Um destes lazaretos foi construído na localidade de Canafístula, hoje distrito de Antônio Diogo, na cidade de Redenção.

Ao longo das décadas de 1920 a 1980, aqueles que no Ceará, especialmente, na capital Fortaleza, foram diagnosticados com hanseníase, eram, invariavelmente, condenados ao isolamento, tendo a vida transformada radicalmente, marcada pelo abandono e preconceito.

Durante décadas vítimas da hanseníase viviam pelas ruas de Fortaleza mendigando ajuda como alimentação, moradia e tratamento para a doença que os destruía pouco a pouco. Seus corpos deformados causavam repugnância e medo em uma sociedade que elegera a saúde e beleza como valores fundamentais.

Em seu livro, o mais completo e importante estudo sobre o lugar social da hanseníase no Ceará, Zilda Lima, nos conta que, por meio dos jornais, esta sociedade cobrara dos governos providências e medidas para que os doentes não permaneçam no meio social:

As notícias divulgadas destacavam sempre o “perigo” que representava para a população sã a convivência com os lázaros, pela possibilidade da transmissibilidade. Encarados com benevolência ou rejeitados, era facultado aos leprosos um destino comum: viverem afastados do convívio com as pessoas

² LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele**: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937). Fortaleza: RDS, 2009, p. 23.

³ CHALHOUB, Sidney. **A cidade febril**. Cortiços e epidemias na Corte Provincial. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 19.

sãs. Como pode-se observar, uma das maiores preocupações aventadas pela imprensa era o fato de muitos morféuticos não só compartilharem do cotidiano da cidade, mendigando, mas também porque continuaram a desenvolver suas atividades profissionais sem que as autoridades sanitárias tomassem qualquer providência(...)⁴

O medo de contágio contribui para instituir o preconceito, fez com que a sociedade buscasse maneiras de promover o processo que legitimou o isolamento compulsório do doente que estavam na capital e que eram pessoas indesejáveis, a sociedade buscava crescimento urbano, remodelação da cidade.⁵ Por isso que a política do isolamento compulsório começou a se fortificar cada dia mais, contribuindo assim para construção de leprosários que eram os hospitais-colônias.

Um grande número dos doentes da capital foi internado no Centro de Convivência da Colônia de Antônio Diogo. Problematizar a experiência social destas pessoas foi o objetivo maior desta pesquisa.

Como se deu a formação do Centro de Convivência da Colônia de Antônio Diogo? Quem foram os seus internos? Como era o cotidiano da instituição? Como a instituição e seus pacientes eram percebidos pelos moradores da Canafistula? Como se dava a convivência entre os pacientes e moradores locais?

Na busca por repostas para estas questões a pesquisa que realizei lançou mão de artigos e livros que ajudaram a compreender melhor o tema e a definir escolhas teóricas e metodológicas. Neste processo foi muito importante o recurso da história oral que ajudou a aproximar a pesquisa dos personagens da história que eu queria contar, tornando possível abordar suas subjetividades, como ensina o historiador italiano Alessandro Portelli.⁶

O isolamento compulsório foi extinto no Brasil em 1962, possibilitando ao hanseniano que vivia entre os muros da Colônia uma possibilidade de ser novamente inserido no mundo em que foi excluído. Mas a reprodução social teve repercussões enormes, um estigma que se foi criado com a lepra, e com a possibilidade de cura, medidas foi sendo buscada pelo governo. Após o fim do isolamento também se

⁴LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937)**. Fortaleza: RDS, 2009, p. 37-38.

⁵PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. **Fortaleza belle époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1999, p. 24.

⁶PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 14, fev/1997, p. 28.

verificou uma mudança na nomeação popular da doença, que, aos poucos, passou de lepra para hanseníase.

Seguiram-se algumas campanhas no sentido de abolir o termo “lepra”. A Nomenclatura Dermatológica Brasileira, de 1965, organizada por Rabelo, trouxe, afinal, ao menos em perspectiva, a mudança desejada. Ali o termo “Doença de Hansen” substituiu a palavra lepra, que noutras edições fora registrada.⁷

A adoção das medidas descritas por Francisco Lima teve importante papel na construção de uma mudança da visão social sobre a doença e os doentes, todavia, como descobri ao longo da pesquisa, a estigmatização e o preconceito são ainda presenças fortes na vida quem teve ou tem hanseníase. Escrever este TCC foi, também, uma forma que encontrei de chamar a atenção para isto e contribuir, um pouco que seja, para superar esta realidade.

⁷LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988. p.93

I - CAPÍTULO - POR QUE À CONSTRUÇÃO DO LEPROSÁRIO EM ANTÔNIO DIOGO?

1.1 – A Tese do Isolamento Compulsório

As conferências de Berlim, em 1897, de Bergen, em 1909, buscavam entender as causalidades das doenças, realizavam encontros com estudiosos que se interessavam pela problemática que envolvia a doença. Segundo a historiadora Zilda de Lima;

O Primeiro Congresso Internacional da Lepra, realizado em Berlim em 1897, com base em informações epidemiológicas, aprovou resoluções que basearam o tratamento da enfermidade na tese do contágio em detrimento da teoria da hereditariedade da doença. Embora II Congresso Internacional da Lepra, ocorrido em Bergen em 1909, tenha aprovado a recomendação de que era desejável a elucidação da questão da transmissão da lepra pelo mosquito, obtiveram mais credibilidade as resoluções do I Congresso, onde saíra fortalecida a teoria do bacilo de Hansen como elemento causador da doença.⁸

A partir de debates constataram que a hanseníase era contagiosa e a medida era evitar a propagação da doença, pois os casos de lepra vinham aumentando a cada dia. Com a segregação dos morféuticos do meio em viviam, isto é, do meio da sociedade viam como solução e de proteção da uma população que não tinha a doença. Tal solução era uma medida de isolamento, o isolamento compulsório.

As conclusões do I Congresso Internacional da Lepra foram fundamentais para a consagração da tese que assegurava: a única maneira de evitar a propagação da doença seria a adoção de um conjunto procedimentos onde estavam presentes a notificação obrigatória, vigilância e isolamento compulsório dos leprosos.⁹

O isolamento foi visto como solução de um problema de saúde pública. Pensava-se em não se espalhar o mal de Lázaro, até por que ninguém queria adquirir uma doença que para muitos era a morte. Manter afastá-los e longe da população seria esquecer que esse mal esteve acometendo a grande capital que estava se remodelando e

⁸ LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937)**. Fortaleza: RDS, 2009. p.47

⁹Idem, p.48

modernizando diante de outras cidades, assim não transmitia mais a imagem de pessoas miseráveis, abandonados e mendigos.

Tudo se resolveria com os hansenianos afastados da sociedade? Qual era a maior preocupação, combater o mal ou distanciar o mal da sociedade? Sem dúvidas naquele momento o isolamento tornou-se um importante instrumento para lidar com a hanseníase e com outras doenças contagiosas no mundo.

1. 2- O Mal de Lázaro nas Ruas de Fortaleza

A sociedade de Fortaleza, na década de 1900, sofria com problemas relacionados à saúde pública, casos que envolvia a doença da lepra, hoje conhecida como hanseníases acometiam várias pessoas, causando pavor e medo de contágio ao resto da população.

A convivência das pessoas sãs com os lázaros era mostrada nos periódicos da época como uma fonte de perigo. Os doentes viam perambulando no centro da cidade de Fortaleza, estavam desamparados e viviam por ruas pedindo esmolas ou fazendo compras junto com a população local.

O mal de Lázaro cada dia se alastra mais. Nesta capital, percorrendo os pontos centraes, residindo nas ruas mais habitadas, vendendo fructas, legumes e taboleiros, penetrando nas moradias particulares e nas repartições públicas, nos restaurantes e nos cafés, pedindo esmola, exercendo, enfim toda sorte de atividades, nós vemos todos os dias, morphéticos em estado grave, que se põem em contacto perigoso com a população sã.¹⁰

A lepra era uma doença que causava pavor na população, isto, por que não se conhecia a forma correta de tratamento, os portadores tinham sequelas na pele e à deformação física era uma grave consequência. O pior é que não havia possibilidades de cura, muitos tinham medo do contato com as pessoas que aparentemente tinha a moléstia. O Nordeste fala como eles viam neste fragmento:

[...] os hansenianos não tinham para quem apelar e na luta pela subsistência, invadiam ruas da cidade, mendigavam nas portas dos cafés, nas esquinas, nos vestibulos da Assembléia, na mais

¹⁰ O jornal O Nordeste fala a respeito da expansão da lepra em Fortaleza. Correio do Ceará, 08 de Agosto de 1922. p.2

perigosa promiscuidade. Faziam dos principais logradouros, pontos de reunião e ali permaneciam e pernoitavam para recomeçar a tarefa cotidiana no alvorecer do dia seguinte. Muitos deles, de certo, portadores de formas clínicas avançadas expõem suas chagas aos olhares da população, trabalhando em misteres vários, vendendo redes, botando água, fabricando pães [...] ¹¹

Os registros históricos indicam a doença no Estado do Ceará desde 1867, toda a história da doença mostra notícia dos casos em censos levantados por médicos, doutores e divulgados nos periódicos da época como o Correio do Ceará, Jornal do Comércio, O Povo, O Nordeste, Gazeta de Noticias...

Em um trabalho intitulado do Dr. Atualpa Barbosa do ano de 1921 fez um censo completo no Ceará, onde afirma sem medo de contestação, ser um trabalho organizado e cauteloso, publicou o seguinte:

Assim, apurei a existência de 428 morféticos, sendo 239 homens, 150 mulheres e 30 crianças... Esses doentes foram fichados em 59 municípios, figurando como principais focos Fortaleza, com 151; Jaguaribe-Mirim com 36; Sobral, com 27; Iguatu, com 22; Acaraú, com 16; Granja, com 10. além desses foram fichados também 25 casos suspeitos. ¹²

Os casos de lepra vinham aumentando dentro do estado e as políticas públicas sem nenhuma perspectiva de como combater o mal que vinha afetando a população. Sem ter para onde ir, muitos abandonados por seus familiares, ficavam no centro da cidade.

Com a prorrogação da lepra na capital o projeto de ter uma cidade modelo, bela e urbanizada estava cada vez mais difícil de ser executado, o projeto de construção de casas e reformulação de ambiente para o progresso estava na mentalidade das elites que visava o crescimento na economia e na política.

Fortaleza, dos meados do século até aquele ano de 1875, estava passando por significativas transformações que a tornaram o principal centro político, econômico, social e cultural da província [...] ¹³

¹¹ Jornal O Nordeste, 14 de Setembro de 1922. p.2

¹² LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988. p.11

¹³ PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. **Fortaleza belle époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1999, p.24.

A partir da metade do século XVIII, a capital, Fortaleza passava por processo de estruturação, grupos sociais ligados ao comércio com interesses nos negócios de importações e exportações buscavam modernizar toda sociedade, visando o progresso por meio de centro urbano, civilização, propagados pelas metrópoles européias.

O crescimento da exportação da produção algodoeira para o mercado externo, verificado a partir de 1860, não só dinamizou a economia cearense, como contribuiu para tornar Fortaleza o principal entreposto comercial do Ceará, a face à sua condição de sede político-administrativa provincial, à construção da ferrovia Fortaleza-Baturité e as melhorias implementadas em seu porto.¹⁴

As camadas sociais, as elites, classes dominantes, estavam preocupados com o desenvolvimento, o crescimento da cidade. Para que isso acontecesse era preciso um conjunto de fatores como a economia, política e o social andassem juntos ao progresso. A remodelação da capital incluía construções avenidas, ruas, prédios públicos, cinemas, edificações de mansões, tudo isso para embelezar a cidade. Por outro lado havia o crescimento da cidade, constituindo novos grupos sociais tais como a classe média, formada por sujeitos de ofícios urbanos, como a advocacia, o jornalismo, a medicina, etc. Com a concepção de desenvolvimento e civilização surgiram práticas e discursos voltados para remodelamento social das camadas populares por meio de controle de saúde, gestos e comportamentos.

Além de remodelar a cidade, os discursos eram voltados também para a maneira que a população vivia. As doenças estavam como um dos principais problemas que afetavam as pessoas como problemas de ordem pública. Visto isto era preciso ter uma população sã, onde todos possam se relacionar sem o “perigo” das doenças.

Nesse mesmo tempo, casos de doenças contagiosas cresciam em Fortaleza, entre eles, a lepra era um dos mais recorrentes e o que causava maior aversão social e maior clamor de controle.¹⁵

As preocupações voltadas com os hansenianos ganhava destaque entre uma população que desejava o afastamento dos doentes, que eram vistos como a

¹⁴ PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. **Fortaleza belle époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1999, p. 24.

¹⁵ Ver: LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937)**. Fortaleza: RDS, 2009.

personificação do mal dentro da sociedade. As pessoas não queriam manter contato pelo medo do contágio.

O mal de Hansen, ou lepra como era mais conhecido, era visto como algo sujo, podre, ruim que não se encaixava no modelo idealizado pelas classes dominantes para a capital e que era baseado nos princípios de embelezamento, remodelação urbana, higienização pública e controle social.

A principal medida recomendada à época, que pela tradição, quer pelo discurso médico, era isolar o doente, criando uma espécie de proteção sanitária para a cidade e seus moradores.

Diante do apelo popular e da força persuasiva dos poderosos, os órgãos públicos passaram a tomar medidas de isolamento dos leprosos que foram obrigados a viver em uma região afastada do centro da cidade, no Morro do Arraial, hoje, conhecido como Pirambu. Ali foram construídas barracas, alojamentos para que os leprosos pudessem viver separados das pessoas sãs que precisavam circular no centro urbano. Sobre isso assim nos relata Francisco de Lima:

A crônica jornalística de 1923 denunciava, depois, fartamente, o fluxo de hansenianos nas ruas da cidade e clamava por uma solução. No morro do Croatá (Arraial Moura Brasil) os doentes se congregavam e saíam dali para as ruas, à procura de trabalho e de comida. Para acomodá-los, foram construídas algumas barracas no Morro, hoje devastado, em consequência da urbanização do Pirambu e construção da chamada Avenida Leste-Oeste.¹⁶

Embora tenham providenciado um lugar para os hansenianos, continuaram a vida com muitas dificuldades, o afastamento dos familiares, dos lugares onde andavam, olhares de exclusão, de medo, pavor que a sociedade transmitia. Muitos ajudavam e até se preocupavam com as condições que eles tinham, pois passavam necessidades, não tinha como trabalhar e se sustentar.

A Igreja Católica teve um importante papel nesta história como destaca a historiadora Zilda de Lima:

Porém, é necessário esclarecer que uma ação mais efetiva de combate à lepra no Ceará foi orquestrada pela Igreja Católica. Da divulgação dos primeiros casos da doença na capital às cobranças diárias para o combate à moléstia, passando pelas

¹⁶ LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988. p.13

campanhas em prol da edificação do primeiro leprosário e primeiro preventório, foram estas, as iniciativas coordenadas pelo Jornal *O Nordeste*, a voz oficial da Igreja no estado do Ceará.¹⁷

Apoiada nos princípios da piedade cristã e da caridade, o clero católico cearense teve, assim, um importante papel no reforço da tese do isolamento como principal medida de cuidado dos doentes e de proteção das pessoas saudáveis.

É neste contexto que surge, em 1928, o Leprosário da Canafistula, como conta Francisco de Lima:

Não é, pois exagero afirmar que a criação do Leprosário de Canafistula deveu-se à caridade de uns e ao medo de outros. Medo que se originou – diga-se para explicar melhor - mentalidade da época. Não se contava, então, com o conhecimento científico das origens e das formas preventivas da hanseníase. Dava-se à doença o adjetivo de altamente contagioso quando, na verdade, é uma das que contaminam menos, dependendo mais da predisposição do receptor, do que mesmo da virulência do bacilo de Hansen.¹⁸

A figura do leproso transmitia para os grupos sociais pavor, feiúra, além dos espaços urbanos, a saúde pública foi objeto para a modernização de toda estrutura administrativa, populacional e também econômica na cidade de Fortaleza.

Diante de tanto pavor que o mal de Lázaro trazia para a população de Fortaleza, foi construído um espaço que fosse específico e distante para abrigar os doentes, isto é, um ambiente onde os hansenianos pudessem viver afastados e isolados para não propagar a doença.

Na medida em que se procuravam os agentes etiológicos da doença, os leprosos viviam em total abandono, às políticas de combate à lepra se encaminhava para medidas preventivas que Zilda Maria relata:

No apagar das luzes da década de 1920, a presença da lepra no Ceará era um fato incontestável. Do abandono total em que viviam os leprosos cearenses entregues à própria sorte, passou-se à organização de ações filantrópicas cujo objetivo maior consistia no recolhimento dos enfermos das ruas e praças e posterior encaminhamento ao Leprosário. Não pairam dúvidas

¹⁷ LIMA, Zilda Maria Menezes. XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 6, 2011, Salvador. **Anais Leprosários Cearenses: Entre a caridade, o estado e a Ciência (1928-1942)**. Salvador: Universidade Estadual do Ceará, 2011. p.3

¹⁸ LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988. p.20

que o Leprosário Antônio Diogo, foi edificado visando o afastamento dos doentes das pessoas sãs. Porém, naquele momento, o isolamento compulsório era a única medida profilática aceitável em virtude do desconhecimento dos agentes etiológicos da doença e das suas formas de contágio.¹⁹

Para que a sociedade tivesse tranquilidade os leprosos deveriam ser afastados da cidade. A necessidade de mantê-los afastados era maior devido à preocupação da população e dos governos.

É importante saber que o isolamento dos doentes era parte das orientações do Regulamento do Departamento Nacional de Saúde para se lidar com a lepra. Editado em 1923, o regulamento dizia que, quando identificado o suspeito de lepra deveria ser rapidamente afastado do convívio com os demais.

Em seu Artigo 141, o regulamento dizia que esses locais tinham que ter proteção para pessoas que morassem próximas a colônia e que fossem aprazíveis e confortáveis para os doentes. E ainda nos artigos 139, 140 falava da área ser espaçosa para aqueles que tivessem condições de exercer alguma atividade, trabalhos que fosse regulado por inscrição médica, e um atendimento higiênico, com hospital, vilas para segregação dos doentes, e melhores condições de vida:

Art. 139. Os estabelecimentos nosocomiaes serão os seguintes:

- a) colonias agricolas;
- b) sanatorios ou hospitaes;
- c) asylos.

§ 1º. As colonias agricolas, sempre preferiveis, deverão ter bastante amplitude para nellas se poder estabelecer uma verdadeira villa de leprosos, e, além das condições que assegurem do melhor modo os seus fins, deverão ter hospitaes para os que necessitarem cura de doenças e affecções intercurrentes, crèche, orphanato e asylo para os incapazes.

§ 2º. Os sanatorios, hospitaes e asylos, só admissiveis quando as condições locaes e outras o permittirem, ou o reduzido número de doentes dispensar o estabelecimento de uma colonia, terão por fim principal multiplicar as casas de isolamento na medida do possivel, junto dos fócios, afim de facilitar a segregação dos leprosos. Deverão ser estabalecidos em logares onde, a par das melhores condições hygienicas, existam amplos logradouros para os isolados.

¹⁹LIMA, Zilda Maria Menezes. XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 6, 2011, Salvador. **Anais Leprosários Cearenses: Entre a caridade, o estado e a Ciência (1928-1942)**. Salvador: Universidade Estadual da Bahia 2011. p.5

Art. 140. Para os estabelecimentos da letra a do artigo anterior, serão de preferencia enviados, além dos que o desejarem, os que forem ainda capazes de pequenos trabalhos, regulados segundo prescrição medica; para os da letra b, aquelles que residam nas proximidades, tendo-se tambem em vista as vantagens ou desvantagens que lhes possa trazer o tratamento de sanatorio ou de hospital; para os da letra c, os doentes que se invalidarem, levando-se tambem em conta sua visinhança do local.

Art. 141. A installação de estabelecimentos destinados a leprosos obedecerá ás condições de conforto e apazibilidade para os doentes e de protecção para as populações visinhas, ficando subordinado o funcionamento delles a instrucções expedidas pelo Director Geral, depois de approvadas pelo ministro da Justiça e Negocios Interiores.²⁰

1.3 - A Construção do Leprosário em Canafistula (Antônio Diogo)

Observou-se que a solução encampada menos pelos poderes oficiais e mais por certos setores da sociedade civil ligados à filantropia - que resolveram abraçar a causa da construção do primeiro leprosário - foi fazer uso das terras da Colônia Cristina em disponibilidade e sem utilidade prática para o Estado. O uso das terras praticamente em abandono, traria ainda a vantagem da não utilização de capital específico para a compra de um terreno afastado da cidade. As primeiras edificações da leprosaria foram erguidas graças a várias campanhas encetadas por particulares, movidos pela caridade e pelo desejo de promover o afastamento dos *leprosos* das vias públicas de Fortaleza.²¹

Para isolar os doentes acometidos pela lepra, a Colônia Agrícola, representava a instituição idealizada pelos agentes filantrópicos, um espaço dito terapêutico, favorável a exclusão do leproso da sociedade. Esta colônia agrícola ficava próxima as margens da estrada de ferro de Baturité, no lugarejo Canafistula, atualmente, Antônio Diogo que fica na cidade de Redenção.

Francisco de Lima fala sobre estas terras:

Vale a pena lembrar a origem de Canafistula. É de 10 de abril de 1880 a escritura de doação das terras de Canafistula ao governo da Província, pelo Comendador Luiz Ribeiro da Cunha

²⁰ Decreto Nº 16.300, de 31 de Dezembro de 1923, Aprova o regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/D16300.htm>. Acesso no dia 14 de Março de 2014 às 15h: 32s.

²¹ LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937)**. Fortaleza: RDS, 2009. p.68-69

e sua mulher Maria Carolina Vieira da Cunha. A doação tinha por objetivo propiciar, naquele recanto do Ceará, uma Colônia para Órfãos.²²

E com Lei Provincial nº. 1.876, de 11 de novembro de 1879:

[...] e atendendo à urgente necessidade de dar asylo e a conveniente educação aos órfãos que a calamidade da seca e da parte, flagelando esta Província durante três anos, deixou entregue à proteção do Governo, resolve criar uma Colônia Orfanológica, sob a denominação de Colônia Cristina, nas terras para este fim doadas pelo Comendador Luiz Ribeiro da Cunha.²³

O distrito de Antônio Diogo, antiga Canafistula foi um lugar de acolhimento dos excluídos, órfãos e de pessoas que sofriam com a seca, poderia receber os doentes, já que havia recebido flagelados e também era um centro correcional.

A 10 de setembro de 1894, a Lei nº 158 autorizou a transformação da Colônia Agrícola e Orfanológica Cristina em Colônia Correicional Agrícola. Mais tarde, pela Lei nº 856, de 27 de agosto de 1906, foi autorizada a criação, ali, de uma Estação Agronômica. A 31 de agosto de 1915, a Lei n.º 1.295 criou a Escola Prática Agro-Pecuária Luiz Ribeiro, em Canafistula.²⁴

Como vimos a construção do Leprosário seria realmente no lugar onde mantivessem os doentes afastados do centro da cidade de Fortaleza. O distrito de Antônio Diogo por sua história de ser já uma Colônia acolhedora, poderia assim resolver uma parte dos problemas que a população vinha passando com mal de Hansen, que na época a solução era justamente o isolamento e o afastamento das pessoas que se encontravam doentes.

O regulamento do Departamento Nacional de Saúde, como vimos no tópico anterior, orientava que o local deveria ser bastante amplo, para o hanseniano que pudessem exercer alguma atividade, além de exigir ser longe dos centros urbanos deveria ter toda uma assistência tanto na saúde como nas acomodações, deveria ter

²² LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988. p.22.

²³ Idem. p.22-23.

²⁴ Idem. p.23

também vilas. No artigo 139 que é destacada pela a historiadora Zilda Maria informa que:

O artigo 139 da Profilaxia Especial da Lepra sugeria, ainda, que as instituições nosocomiais para leprosos deveriam observar os três modelos sugeridos: Colônias Agrícolas, Sanatórios ou Hospitais e Asilos. As colônias agrícolas, sempre preferíveis, deveriam ter bastante amplitude para que pudessem ser estabelecidas verdadeiras Vilas de leprosos com hospitais para os que necessitassem de cura de doenças e afecções intercorrentes, creche, orfanato e asilo para os incapazes. Os sanatórios, hospitais e asilos só seriam admitidos quando o reduzido número de doentes dispensasse o estabelecimento de uma colônia.²⁵

A sociedade clamava pela a construção do leprosário, um lugar que mantivessem os doentes afastados do centro de Fortaleza. O lugarejo Canafístula possuía característica para solução do problema, o que estava faltado eram recursos em prol da construção. O movimento social reorganizava luta para afirmação e mecanismos de controle da doença. E por isso que se percebe no decorrer dessa história que a edificação do leprosário se deu mais por parte de instituições, movimentos filantrópicos de que pelo estado.

Muitas pessoas se compadeceram e trabalharam espontaneamente em prol dos hansenianos, o Estado deixou a desejar, pois foi por meio das iniciativas particulares que apareceram possibilidades para construção de um leprosário cearense. Algumas ajudas se destacaram, assim publicou um jornal da época O Nordeste, edição de 26 de abril de 1935, a seguinte afirmação de Alcides Montano:

Desde que entendemos e ouvimos falar na lepra e suas terríveis consequências, nunca soubemos que o Governo algum do Ceará levasse a sério uma campanha contra este grande mal de que continuamos ameaçados. O que existe é obra de caridade, pois não fosse a perseverança de Monsenhor Tabosa e o dinheiro de Antônio Diogo e a ciência de Antônio Justa, a desgraça seria maior.²⁶

A grande movimentação foi dada na década de 1920 e vários grupos sociais trabalhavam para arrecadar recursos, os periódicos da época também contribuíram

²⁵ LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937)**. Fortaleza: RDS, 2009. p.75-76

²⁶ Jornal **O nordeste**, Fortaleza, 26 de abril de 1935.

divulgando as notícias e os movimentos em relação à campanha para edificação da leprosaria em Canafistula.

Num dia de discussões acaloradas, na presença do Presidente Moreira da Rocha, Monsenhor Antônio Tabosa Braga, pediu tempo para uma solução que já esboçava no seu pensamento. Da reunião seguiu, juntamente com Amaral Machado e Luís Moraes Corrêa para a Rua Tristão Gonçalves, onde residia o industrial Antônio Diogo de Siqueira.²⁷

Com os grupos sociais em busca de uma solução, e possibilidades de um lar para os lázaros à construção do leprosário era necessário o mais rápido possível. Foi preciso o auxílio de um grande empresário, que ajudou a comprar terreno para a construção de um novo lar para os lázaros:

O industrial, de pronto, aceitou a idéia de sua participação e deu, para a construção do leprosário, a fabulosa importância de 100 contos. O Governo, por seu turno, contribuiu com a cessão do Sítio Cristina, localizado na povoação de Canafistula, do município de Redenção e ainda ajudou com 50 contos. O mais veio como fruto de uma intensa campanha para a qual concorreram, com destaque os acadêmicos da antiga Faculdade de Direito do Ceará.²⁸

Depois de manter os hansenianos nos abrigos praiano, de tanto discursos para construção do leprosário se iniciou assim a solução do problema de saúde pública naquela década, que era livrar a sociedade do risco de contágio. A idéia era construir um leprosário longe do centro da cidade. Foi com a ajuda de um grande industrial Antônio Diogo, padre Antônio Tabosa Braga e o médico Antônio Alfredo da Justa que se deu a edificação do leprosário. Estes três Antônio foram as principais figuras que contribuíram para a história e reconstrução da vida dos hansenianos.

No decorrer dessa grande luta nas terras da Colônia Cristina doada pelo Presidente Moreira da Rocha, na década de 20, foi construído um local específico para os Lázaros.

Segundo a imprensa da época, o Coronel Antônio Diogo mandou construir, logo após ficar pronta a planta da gafaria, 32 casas, além da lavadeira e da capela. As demais dependências

²⁷ LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988. p.21

²⁸ Idem. p.21

que constavam na planta seriam erguidas na medida em que fossem reunidas mais doações e subsídios governamentais.²⁹

Tudo se em caminhou para retirar os doentes que vivia em meio à sociedade de Fortaleza, e no dia 1 de agosto de 1928 o leprosário foi inaugurado. Zilda Maria relata o seguinte: “solenemente inaugurado o Asilo da Canafistula na presença das mais representativas autoridades do Estado”.

A inauguração foi muito divulgada pelos jornais e muitos comentaram sobre a edificação, o Jornal *O Nordeste* traz o seguinte relato no dia 03 de agosto de 1928:

Inaugurou-se anteontem o Leprosário de Canafistula [...] havia caminhões e automóveis à disposição dos visitantes, uma vez que o Leprosário está situado a quase três quilômetros da estação da via férrea. Em lá chegando, foram percorridos, pela comitiva, todos os Departamentos da Colônia de Leprosos, composta de uma Vila com 64 casinhas isoladas, com cômodos para 180 enfermos, do pavilhão para administração e estada das Irmãs Franciscanas, encarregadas do tratamento dos lázaros, da Capela com compartimento especial para os doentes, da casa do Cura d’almas e do administrador, ainda em construção.³⁰

A inauguração do leprosário ocorreu tudo bem, com a presença em massa dos grupos sociais mais considerados importantes da sociedade, onde todos puderam conhecer o lugar que seria a moradia dos enfermos que se encontravam em Fortaleza. A leprosaria foi inaugurada sem a presença dos sujeitos que iria usufruir das acomodações. A festa ocorreu sem os doentes, à sociedade não compartilhou esse evento com os hansenianos, pois desde o começo que a interação não era possível devido o medo de contágio.

Depois de uma semana do dia da inauguração e que os Lázaros foram para sua moradia, de trem saíram de Fortaleza no dia 9 de Agosto de 1928:

Em 09 de agosto de 1928, foi levada a primeira turma de enfermos para a Colônia, transportada em um vagão isolado num trem da Rede de Viação Cearense (RVC). Saíram de Fortaleza um número de 35 doentes e mais sete foram recolhidos em outra estação, totalizando em número de 42 os primeiros enfermos. A composição do trem estava assim disposta: um carro aberto para a bagagem dos doentes, um

²⁹ LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937)**. Fortaleza: RDS, 2009. p.73

³⁰ Jornal **O Nordeste**, 03 de Agosto de 1928.

vagão para transportar os mesmo até estação da Canafistula. Da estação até o Leprosário, os *leprosos* também teriam sido levados em transporte distinto daquele utilizado pelo médico e o sacerdote que os acompanharam.³¹

Os hansenianos tiveram sua nova moradia em Canafistula, com muita luta da sociedade para retirá-los de Fortaleza, e assim ficaram isolados, distante do centro da cidade. Deixaram sua história, seus familiares para começar outra vida, onde não podia ter interação social no mundo fora da Colônia, passando a reconstruir sua vida no novo lar.

Neste primeiro capítulo foi possível perceber o início do sofrimento de pessoas que viviam abandonados no centro das cidades por causa da doença de hanseníase, como a sociedade contribui para o isolamento desses sujeitos e entender o porquê da localização da construção do leprosário. E por processo de urbanização irão reconstruir sua vida longe da sua cidade e na localidade de Antônio Diogo longe dos seus familiares. No próximo capítulo iremos analisar fatos que contribuirão para os hansenianos construírem sua nova identidade. Quais laços, relações serão estabelecidas na nova comunidade? Como esses sujeitos irão se organizar no novo lar? Quais serão suas experiências, expectativas, dificuldades e adaptação longe da sociedade?

³¹ LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937)**. Fortaleza: RDS, 2009. p.78

II - CAPÍTULO: EXPERIÊNCIAS DOS INTERNOS NO LEPROSÁRIO

2.1 – O Viver Segregado: A Inclusão / Exclusão Social nos Espaços da Sociedade e do Leprosário

Senhor eu vou embora não sei pra onde vou. Será para Canafístula, oh meu deu Deus que horror.

Refrão: Choro, choro a minha sina de ser internada na Colônia Cristina.

O senhor Antônio Diogo nos prometeu asilar, lá na Colônia Cristina ele vai nos sustentar.

Refrão: Choro, choro a minha sina de ser internada na Colônia Cristina.

O senhor dono dos bondes que colocou a gasolina, vão fazer um leprosário, lá na Colônia Cristina.

Refrão: Choro, choro a minha sina de ser internada na Colônia Cristina.

Senhora e senhorita vendo este pleclario, vão vendendo suas flores tudo em prol do leprosário.

Refrão: Choro, choro a minha sina de ser internada na Colônia Cristina.

Adeus praia adorada, adeus porto Ceará, adeus areia tão bela do Morro do Croata.

Refrão: Choro, choro a minha sina de ser internada na Colônia Cristina.

Adeus toda Fortaleza, hoje princesa do Norte, vão ficar livre do lázaro e também do mal da morte.

Refrão: Choro, choro a minha sina de ser internada na Colônia Cristina.³²

Os versos transcritos acima são de uma canção entoada por D. Izabel Baraúna, interna chegou com quinze anos de idade e que viveu durante 79 anos na Colônia de Hansenianos de Antônio Diogo. Analisando a letra, percebemos não só o que foi relatado no capítulo anterior, mas também a dor de que foi forçada a viver isolada da sociedade.

As lembranças proclamadas por Dona Izabel na canção relatam a triste história de pessoas que, como ela, também viveu em Fortaleza, e sentiram na pele a propagação do medo que tinham em relação à doença, a sociedade buscou meios, através de movimentos filantrópicos em prol da construção da colônia para que pudessem ser

³²Letra da Música extraída do vídeo produzido pelo os alunos da UFC, cantada pela interna Izabel Baraúna.

retirados do ambiente que viviam e passando assim a viverem bem afastado do centro da cidade.

Ao afirmar em seu refrão “Choro, choro a minha sina de ser internada na Colônia Cristina”, a canção expressa um claro sentimento de frustração e pesar, que era compartilhado por todos os internos, enviados para a Colônia menos em função da busca por tratamento adequado e mais por conta do preconceito social de que eram alvo e pelo desejo da sociedade e não ter que conviver com os hansenianos.

O novo lar foi construído na cidade de Redenção na localidade de Canafístula que hoje tem o nome Antônio Diogo, a colônia foi inaugurada no ano de 1928, o ambiente foi preparado para acolher os hansenianos e no dia 9 de agosto um trem partiu do centro da cidade para a colônia e iria parar em outras estações para receber os doentes que existia em cada localidade. “O trem parará nas estações intermediárias, a fim de receber os leprosos que, porventura, existam na localidade.”³³

Muitos que vieram para o leprosário naquela época perderam o vínculo com a família, embora guardem inúmeras lembranças da sociedade em que eram inseridas, foram incluídas pelo contexto da doença na época em outro meio, fazendo com que eles construíssem outros elos de convivência.

E agora como iria ser o novo ambiente, o novo lar? Como iria viver sem seus entes queridos? Essa foi uma questão colocada no início da música cantada pela interna Izabel “Senhor eu vou embora não sei pra onde vou. Será para Canafístula oh meu Deus que horror.” A dor da separação, do desconhecido é percebida pelas palavras “oh meu Deus que horror”. Se os doentes eram pessoas indesejáveis no centro urbano, isso visto pela sociedade que tinha enorme preconceito, para os doentes era um horror, uma dor terrível viver sem expectativa pelo fato de ser uma doença que não tinha cura, e também ter que ir para um espaço que eles também desconheciam. Isso tem um significado muito forte para os internos e é destacado em outro trecho da música que diz: “vão ficar livre do lázaro e também do mal da morte”. Naquela época a era tida como uma doença para a qual não havia tratamento, por isso os doentes tinham a consciência a que viriam sofrer e esperar a morte, isolados do restante da sociedade.

Na perspectiva de aprofundar um pouco a compreensão da experiência que os doentes tiveram durante período de internação, foi fundamental o recurso à metodologia da história oral.

³³ LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988, p-25.

Em seu artigo, *O que faz a história oral* diferente, Alessandro Portelli nos ensina que a narração obtida por meio da metodologia da história oral deve ser compreendida como um processo em que o narrador (re)constrói sentido para o vivido, ao mesmo tempo em que também (re)constrói a si mesmo.³⁴

O caminho aprontado por Portelli, foi o percurso utilizado na busca de respostas para três das questões que compõem a problemática fundadora desta pesquisa: Quem foram os seus internos? Como era o cotidiano da instituição? Como se dava a convivência entre os pacientes e moradores locais?

A Colônia foi estruturada para receber os hansenianos. Ela possuía capacidade para acolher até 180 enfermos, havia, ainda, estrutura de administração e de moradia para as Irmãs Franciscanas, que atuavam nos cuidados aos internos. Havia também uma capela que trazia uma devoção a Santa Imaculada Conceição. Conforme os “ANEXOS A, B e C”.

No dia de levar o primeiro grupo de hansenianos para leprosário o trem saiu passando de estação em estação como fala no jornal:

Na próxima quinta-feira, às 7 horas em ponto, partirá da Central o trem que deverá levar os pobres lázaros à Colônia de Canafistula. Os doentes tomarão o comboio nas proximidades da capela dos Navegantes. A composição do trem referido está assim disposta: Um carro aberto para o transporte da bagagem de doentes; uma prancha que levará o caminhão que fará o transporte dos doentes da estação de Canafistula ao Leprosário; um carro para passageiros, pintado de novo, reservado exclusivamente aos leprosos e um carro especial para o Médico e o Sacerdote que devem acompanhar os doentes até à Colônia.³⁵

Sem o tratamento específico para combater o mal que se propagava nas pessoas, não tinha outro jeito a não ser o destino para Colônia Cristina, neste local as pessoas se internavam e não podiam mais sair, as marcas deixadas no corpo pelo avanço da doença causavam forte repulsa e o doente tornava-se pessoa indesejada pela sociedade.

Assim os “lázaros” começaram a nova vida levando consigo apenas as lembranças do mundo em que viviam, deixando tudo para trás e para o qual jamais poderiam voltar. A colônia tinha espaços que só o doente podia ocupar mesmo que a família fosse visitar,

³⁴ PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 14, fev/1997, p. 25-39.

³⁵ Jornal O Nordeste fala da ocupação das instalações para os hansenianos, 07 de Agosto de 1928.

assim relata o Sr. José Arimateia, quando fala sobre as cerimônias na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que ficava dentro da Colônia: “Tudo era separado, tinha o Deus do doente e o Deus sadio”³⁶.

O ex-interno José Arimateia com 72 anos de idade, foi morar na Colônia quando ainda era criança, e fala do dia a dia no local, se refere aqui ao fato de que até na igreja havia uma barreira separando as pessoas que tinha hanseníase, das que não possuíam a doença. As visitas com família e contanto com alguns que trabalhavam na colônia era restrita, afastada por blocos, uma vidraça e até por paredes de cimento, conforme podemos verificar no “ANEXO D”.

A Maria Carmelita de Aguiar Nóbrega³⁷, conhecida como Irmã Eugênia, escrevendo sobre seu trabalho dentro da instituição, afirma:

Constava da minha tarefa, escrever semanalmente, uma carta ditada por uma das internas. Uma porta cortada ao meio, era o apoio para o bloco. Ela, de pé de um lado e eu de pé do outro. A doente usava boina, óculos bem escuros e nas narinas dois pedacinhos de borracha a fim de abrir o orifício. Não tinha cabelos, era quase cega, sem nariz, orelhas crescidas. Eu escrevia a carta, lia e relia, depois fechava na presença dela, que estava sempre acompanhada. No dia seguinte o marido, que residia em Baturité, cidade vizinha, mandava um portador que trazia alguma coisa para ela e recebia a carta. Eu saía dali sentindo falta de ar sufocada.³⁸

A convivência dos internos com o mundo fora da Colônia era bastante restrita. Em regra, tinham contato apenas com seus cuidadores e deles recebiam notícias sobre o que passava além dos muros da instituição. O contato com a família e amigos deixados lá fora era rara e em regra, como nos relata Irmã Eugênia, feita de modo indireto, sendo a carta o meio mais comum. A queixa explicitada na frase final do relato da religiosa evidencia bem a dificuldade que os não doentes tinham de conviver com os hansenianos.

³⁶Fala na entrevista dada no dia 27/06/2014 do ex-interno Jose Arimateia Costa, que aos nove anos teve que ir morar na Colônia e que antes passou três anos escondido em casa para não ter que se separar da família.

³⁷ Irmã designada a trabalhar na colônia em 13 de junho de 1943, e escreve sobre a sua trajetória na Colônia de Antônio Diogo.

³⁸ NÓBREGA, Carmelita de Aguiar. **Colcha de Retalhos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p.48-49

Apesar de não ter tratamento curativo para a hanseníase, havia médicos que estavam no leprosário uma vez por semana, “Por parte do Serviço de Saneamento Rural, a Colônia é semanalmente visitada por um Médico acompanhado de um guarda sanitário...”³⁹, os serviços em saúde para os doentes visava amenizar os efeitos da doença, especialmente a realização de cuidados com as feridas e a perda de partes do corpo. Sobre isso assim nos fala a Irmã Eugênia:

A Colônia era um cemitério de vivos. Não havia médico residente. Uma vez por semana vinham de Fortaleza dois famosos Dermatologistas, Dr. Walter Moura Cantidio e Dr. Walter Porto. Que sacrifício! Muitas vezes vinham de trem. Faltava o necessário, eles conseguiram amostras e mandavam manipular fórmulas com o material que conseguiam. Aqueles dedicados médicos faziam milagres.⁴⁰

Apesar das visitas médicas serem uma vez por semana, os médicos tinha uma dedicação pelos doentes, sempre buscando meios de ajudar amenizar as dores que a doença trazia. Eles também funcionavam como mediadores da relação indireta e fragmentada que os internos mantinham com o mundo exterior.

Excluídos da vida em sociedade os internos foram reconstruindo sua vida dentro do muro nos limites demarcados. Muitos deles chegaram quando crianças e por ser o único da família a adoecer eram deixados, apartados de seus familiares. Sobre isso assim nos falou o interno José Otaviano com 84 anos de idade, que também chegou a Colônia quando era criança deixada pelo pai e que hoje vive no pavilhão aos cuidados de enfermeiros:

Rapaz eu saí para dentro da colônia, da minha terra de Camocim com sete anos, Foi por que minha avó descobriu que tava doente aí escreveu pro meu pai pra vir me buscar e o meu pai foi me buscar pra dentro da colônia.⁴¹

A maioria dos moradores veio para a Colônia de Antônio Diogo ainda crianças passando por momento de construção de um novo ambiente, um novo meio, se obrigando a reconstruir as suas redes sociais, onde passaram, a brincar, namorar, casar e

³⁹LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988, p.27.

⁴⁰NÓBREGA, Carmelita de Aguiar. **Colcha de Retalhos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p.49

⁴¹Entrevista dada pelo interno Jose Otaviano de Souza, no dia 25 de Junho de 2014.

ter filhos, e assim, formavam uma nova família. Relatando sobre sua vinda para a Colônia, o ex-interno José de Arimateia nos disse:

Eu vivi de 51 até 56, eu me internei com nove anos de idade, eu era capetinha. Eu passei três anos doente dentro de casa, escondido, fui obrigado na época do Dr. Carlos Viana, que ele deu o diagnóstico e naquela época o tratamento era muito difícil, o preconceito era coisa terrível. Eu saí da minha casa por volta da meia noite para uma da manhã, pra meu pai me deixar em Maracanaú aí depois que eu vim pra colônia de Antonio Diogo. Em 53 eu vim pra cá pro Antônio Diogo aí fiquei até 56, eu fui pra Redenção quando recebi alta aqui, eu tinha 15 anos.⁴²

Nas falas do interno e do ex-interno, é possível perceber o quão difícil foi à separação da família, especialmente porque foram internados ainda crianças. Somava-se à dor física o sofrimento psicológico da separação. Distantes de seus entes queridos se viam obrigados a estabelecer novos laços afetivos, novas sociabilidades, num esforço por construir um cotidiano mais humanizado.

Nesta mesma perspectiva de humanização da experiência da internação, o dia-a-dia na Colônia era também pontuado por atividades de recreação. Havia festas e celebrações religiosas, que funcionavam como instrumento de ressocialização dos internos, assim podemos verificar nos “ANEXOS E, F e G”.

Perguntado sobre as atividades recreativas, o interno José Otaviano respondeu: “Havia festa, banda de música lá, tinha conjunto eu participava do conjunto”.

Sobre estas festas o ex-interno Jose Arimateia nos contou:

Era melhor que hoje, agente tinha futebol, tinha cassino, festas, tinha açude para gente pescar e o Dr. Carlos Viana ia pra lá com as filhas dele de noite pra dançar com pessoal sem preconceito nenhum. Quando ele queria pescar, nós íamos pro açude aquele arruma de filho, a esposa, levava panela, comida, era uma maravilha. As festas natalinas eram fantásticas, futebol, teatro, era bom melhor do que hoje com esse tempo moderno.⁴³

Os relatos dos senhores José Otaviano e de José Arimateia evidenciam um cotidiano dentro da Colônia que ultrapassa os limites dos cuidados com a doença e seus

⁴²Entrevista dada pelo ex-interno José de Arimateia Costa, no dia 27 de Junho de 2014.

⁴³Entrevista dada pelo ex-interno José de Arimateia Costa, no dia 27 de Junho de 2014.

efeitos, e possibilita a construção de novas sociabilidades, onde o espaço para alegrias e afetos é recomposto, possibilitando, inclusive, que os internos reelaborem percepções do mundo e de si mesmos. Nisso percebemos a materialização da experiência social como a define o historiador inglês Edward Palmer Thompson, ou seja, como vivência concreta da realidade, que, a um só tempo, é construída pelos sujeitos e os constrói. Assim, a experiência dos internos deve ser tomada como a consequência do diálogo entre a subjetividade de cada um e a estrutura social em que estão inseridos. Estrutura esta que tem suas fronteiras marcadas, por um lado, pela dor da separação e do preconceito e, por outro, por novos meios e possibilidades de viver.⁴⁴

Em seu cotidiano os internos, em diálogo com os demais sujeitos que transitavam pela Colônia (religiosas, médicos, visitantes, etc.), construía espaços/momentos agradáveis nos quais os sofrimentos do corpo e da alma podiam ser, ainda que por pouco tempo, postos em segundo plano, mesmo esquecidos.

Essa possibilidade, contudo, não existiu o tempo todo. No início das atividades da Colônia, em 1928, a situação era um pouco mais complicada. As experiências de sociabilidade eram mais restritas, pois a lógica que governava o tratamento era a do confinamento. Foi com o passar dos anos que a disciplina quase prisional pode ser modificada, possibilitando aos internos novas oportunidades de contato com o mundo exterior. Já na década de 1950 os internos que possuíam família podiam pedir permissão para visitá-la:

Os internos passavam a vida inteira dentro da colônia mermo, só sai, precisava de uma licença pedia a administração, ai administração dava, ele voltava 10 dias, 15 dias conforme seja quisesse ir pra casa deles.⁴⁵

Teve um período que estavam sobre controle, davam um cartão, uma licença para passar uma semana, final de semana e muitos da família entravam por trás dava um jeito e passava o dia com agente.⁴⁶

Muito embora as autorizações para passar alguns dias foram da Colônia possam, e devam ser percebidas como uma conquista dos internos, em sua busca por romper com a segregação a que eram submetidos, elas são também instrumento de controle a serviço

⁴⁴ THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou o planetário de erros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981, pp. 82-85.

⁴⁵ Entrevista dada pelo interno Jose Otaviano de Souza, no dia 25 de Junho de 2014.

⁴⁶ Entrevista dada pelo ex-interno José de Arimateia Costa, no dia 27 de Junho de 2014.

da compreensão, disseminada na sociedade, da necessária exclusão do hanseniano no meio urbano.

Nos relatos colhidos ao longo da pesquisa, a referência à segregação social, à dor da distância dos entes queridos, a impossibilidade de frequentar lugares importantes em suas vidas antes da doença, era frequente na fala de internos e ex-internos, sempre que falavam sobre a experiência da vida na Colônia.

Os espaços na Colônia eram dinâmicos, mas restritos e pequenos. A relação com a sociedade fora dela era mínima. Para aqueles que tinham a preocupação da família, o não abandono tornava os dias de internação menos dolorosos. Porém em todas, as marcas que a doença deixou no corpo são acompanhadas de outras tantas cicatrizes que a experiência da internação deixou na alma.

E como o interno era visto na localidade em que agora fora inserido? Como eles se relacionavam com a comunidade da localidade próxima a colônia? São estas as questões abordadas no próximo tópico.

2.2 – A Reação das Pessoas da Localidade com a Construção do Leprosário

A localização da Colônia, na localidade de Canafistula (Antônio Diogo), em Redenção bem distante da cidade de Fortaleza, já evidencia o incômodo social causado pelas pessoas que eram acometidas pela hanseníase.

O leprosário recebeu os hansenianos sem que eles tivessem inicialmente o contato com a população da região que também não conhecia quem eram os hansenianos. Perguntada sobre como foi à construção da Colônia, D. Rosa Maria de 54 anos de idade, que começou a trabalhar em 1978 como auxiliar administrativa e que atualmente trabalha como administradora da Colônia do Distrito de Antônio Diogo, respondeu:

Não conhecia. O avô trabalhou na construção, faz tempo, mas lembro que ele falava que iria trabalhar na Colônia, mas ninguém sabia como era os doentes que vinham morar.⁴⁷

A população da Canafistula, à época, não fazia idéia de quem eram aquelas pessoas que viriam morar na Colônia. As pessoas estavam informadas de que os

⁴⁷Entrevista dada Rosa Maria da Silva Moura, atual administradora da Colônia de Antônio Diogo, no dia 27 de Junho de 2014.

moradores da colônia eram doentes e que vinham para viver longe da sociedade, mas não sabia quem realmente eram eles.

Durante a pesquisa de campo foi possível perceber que mesmo os que trabalharam na construção somente souberam que ali seria um leprosário depois da chegada dos doentes. Essa descoberta gerou neles e nos demais moradores das áreas próximas à Colônia o receio de passarem a sofrer algum tipo de rejeição por estarem próximos aos hansenianos.

E o que aconteceu foi justamente isso, as pessoas construirão, sob o medo de contágio, das consequências da doença, um preconceito em relação aos que moravam próximo à Colônia.

[...] recordo que em um município vizinho que conclui meus estudos nós só por morarmos em Antônio Diogo éramos vítimas de deboche e desrespeito.⁴⁸

A queixa presente na fala de D. Silvia Helena, que mora desde que nasceu em Antônio Diogo, e hoje com 44 anos de idade, se repetiu na fala de muitos outros moradores, ao longo das entrevistas feitas para esta pesquisa. O preconceito se prolongou no decorrer do tempo. A população de Antônio Diogo passou a conviver com as pessoas que para eles eram desconhecidos por viverem entre os muros, e também barreiras, mas que foram se estreitando pouco a pouco, foi apenas questão de tempo.

Os hansenianos apesar de terem sido condenados pela própria sociedade a viverem isolados, construíram mecanismos que permitiram uma relativa aproximação com a população externa à Colônia, entre ela, a mais importante foi à autorização para deixar o confinamento por alguns dias, conseguido já na década de 1950.

Eu lembro que a primeira vez aqui que nós fomos sair pra uma corrida de cavalo e deram licença para a gente vir e quando cheguei aqui às meninas quase me rasga e começou a fama. Logo eu tinha um estilo de vida, só andava bem vestido, bem perfumado, deixei o cabelo crescer, tinha o cabelo grande fiz muita travessura na vida.⁴⁹

Embora alguns doentes saíssem com autorização dada pelo médico e pela administração e vivessem lá fora experiências interessantes, como a relatada aqui pelo

⁴⁸Entrevista dada por Silvia Helena Pereira da Silva, moradora de Antônio Diogo, no dia 10 de Julho de 2014.

⁴⁹Entrevista dada pelo ex-interno José de Arimateia Costa no dia 27 de Junho de 2014.

ex-interno, Sr. José Arimateia, “as meninas quase me rasga”, as meninas ficaram muito entusiasmada, todas estavam com ele e quase não deixou mais sair e a partir daquele momento ficou muito conhecido. Mesmo que vivessem emoções fora da colônia eles voltavam para o mundo onde foram obrigados a estarem isolados, lugar onde a convivência era disciplinada por barreiras que, na maior parte do tempo, os separavam dos são.

Sempre gostei de ouvi-los, suas histórias sempre me comoviam e emocionavam, lembro que depois das derrubadas dos muros e do acesso a visitas eu fazia isso sempre.⁵⁰

A fala de D. Silvia Helena evidencia uma exceção, a de moradores que buscavam espontaneamente. A maioria evitava o quanto podia qualquer tipo de relação com a Colônia e seus moradores, como evidencia a fala do Sr. José Arimateia.

Até hoje, eu não entro em toda casa, e moro aqui no conjunto novo, mas tem casa que entro, aqui anda muita gente, às vezes vem um receoso e ver o entrosamento e vai se aproxima devagar. No centro de Antônio Diogo de máscaras e luvas vendedores; eu perguntei, minha filha você anda vendendo o que, ela falou, eu fui e disse e pra essas luvas, não por que dizem que aqui tem uma doença altamente contagiosa um tal de leprosário e onde e que fica, minha filha você estar falando com um deles, ela se afastou, eu é que devo me afastar por que eu sei do que eu me tratei agora você eu não sei o que você tem ai, e a sua lepra e pior hoje do que a minha lá no passado, pois a sua é alma e da língua, esses vendedores foram embora e nunca mais apareceu em Antônio Diogo. Eu não deixo passar em branco e ninguém passar por cima de mim.⁵¹

Muito hanseniano ficou marcado não só pelas sequelas que a doença deixava, mas também por experiências vividas de preconceito por para da sociedade, embora muitas pessoas ainda possuir uma imagem do hanseniano distorcida, criaram um estereótipo, que repercutiu no decorrer dos anos.

⁵⁰Entrevista dada por Silvia Helena Pereira da Silva, moradora de Antônio Diogo, no dia 10 de Julho de 2014.

⁵¹Entrevista dada pelo ex-interno José Arimateia Costa no dia 27 de Junho de 2014.

Ainda há preconceito, mas a caminhada de resistência já ocorreu com avanços significativos.⁵²

A história da hanseníase teve várias fases e a mentalidade de alguns ficou presa no tempo, pois o preconceito ainda faz parte da vida dos hansenianos e também há exclusão social por uma parte da sociedade. As vidas dos hansenianos foram mudando conforme os estudos sobre a doença e caminhos surgiram e com isso novas expectativas.

E quais esperanças tiveram essas pessoas com estigma que a doença deixou? Como aconteceram as dificuldades sociais e a superação adquirida pelos hansenianos? Estas são as questões que orientaram as reflexões do próximo tópico.

2.3– Dificuldades Sociais e as Expectativas de Futuro

A partir dos anos de 1929 as dificuldades para manter o local eram enormes, não tinha luz elétrica e a também havia dificuldade de água, a cada dia que se passava a demanda de doentes aumentava.

Os 44 internos do primeiro dia de funcionamento do leprosário logo se somaram a outros e, no fim do ano, eram 64. Em dezembro de 1929 eram 143 os internos. Este número foi crescendo, de modo que se assinala 202, no ano de 1931.⁵³

Casos da doença ainda apareciam no estado, como vimos no capítulo anterior foi legitimado o isolamento das pessoas que era acometida pela doença da hanseníase e todas as pessoas que tinha a doença eram obrigados a serem internados na colônia.

Com os inúmeros casos de pessoas doentes a colônia foi crescendo o número de internos, tanto que a ajuda que o governo concedia não dava para suprir todas as necessidades. A notícia foi divulgada pelo jornal O Povo:

Passando a funcionar sem rendimentos certos, senão a contribuição de 24 contos de réis anuais do Estado, a Leprosaria manteve-se folgadoamente até 31 de dezembro de 1928. Contava então somente 75 pessoas e se beneficiava ainda com remanescentes dos socorros obtidos do público para a sua construção e de novas dádivas

⁵² Entrevista dada pela moradora de Antônio Diogo, Silvia Helena Pereira da Silva no dia 10 de Julho de 2014.

⁵³ LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988, p.26.

provocadas pelo seu recente funcionamento. O relativo conforto oferecido naquela época aos asilados não influenciou pouco para que o número destes fosse em rápido aumento. Já em março de 1929 os habitantes da Leprosaria se elevavam a mais de 80 e os recursos alimentícios, adstritos à angústia dos 24 contos de réis anuais do Estado, minguavam, esboçando a penúria hoje existente. Em 4 de abril daquele ano apelamos à Imprensa para obter de quem de direto, compaixão e amparo para os lázaros.⁵⁴

As dificuldades continuaram nos anos decorrentes, os hansenianos foram retirados do centro de Fortaleza, por que o discurso era que eles estavam propagando a doença, e foram trazidos a viverem em Canafistula, e continuaram a passar por dificuldades e esquecidos pela maior parte da sociedade. Os religiosos sempre faziam movimentos para arrecadar donativos e os jornais era o meio de sensibilizar o governo e também a sociedade. “O problema da hanseníase, tanto no Ceará, como nas paragens mais distantes do mundo, teve sempre a ação dos membros da Igreja.”⁵⁵ A luta para manter o local sempre existiu, mas a administração sempre procurou meio para resolver todas as dificuldades que a colônia apresentava, assim fala a atual administradora Rosa Maria que trabalha na instituição há 36 anos e fala das dificuldades encontradas para administrar o local:

Demais, muito por que é um órgão do estado e como agente mora no interior tudo se torna mais difícil, e as burocracias da vida atrapalham muito. Teve período que agente passou momentos bem difíceis, por que faltavam coisas para os pacientes e não tinha para quem recorrer. Mas nunca disse hoje não se vai colocar panela no fogo por que não tem, acontecia coisa que agente ficava impressionada, como eu sair daqui às 5hs da tarde e não deixar nada pro paciente comer no outro dia de mistura e a noite a pessoa ligar, vem aqui chegou um carro com tantos quilos de frango, essas coisas, isso ai dava até assim um animo para gente ir em frente, pois chegou muitas vezes dá vontade de desistir. Mas agente encontra tanta gente boa que ajuda que torna mais leve o trabalho. Tem o trabalho da Irmã Célia junto com um pessoal de Fortaleza, que tem colaborado muito, principalmente na parte de limpeza, temos poucos funcionários e o espaço e muito grande não tem por que se queixar já passou por momento bem mais difícil. Agente não recebe nada, tudo é através de licitações, pregões, os estados assumi lá mandando as coisas pra cá, e agente dependendo de um carro, o carro

⁵⁴ Notícia publicada no jornal **O POVO** no dia 06 de Maio de 1931.

⁵⁵ LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988, p.57

passa 15 dias, 20 dias na oficina e agente sem ter como pegar a mercadoria, pedindo a ajuda de um e de outro, mas isso acaba resolvendo e passa.⁵⁶

Todo trabalho feito em prol dos hansenianos, é em busca de dar uma vida digna, humana por estarem naquele local bem afastado, foram vivendo da melhor maneira possível.

A Colônia foi fundada no dia 09.08.1928 pelo Coronel Antônio Digo de Siqueira, que manteve a mesma até seu falecimento em 1932. Tratava-se de uma emergência. Os doentes pioneiros contavam da sua agonia até chegar ali. O ambiente era simplíssimo, faltava quase tudo, mas tinham um teto e quem cuidasse deles...⁵⁷

Com sua nova moradia eles também construirão seus vínculos, formando seu lar e formaram sua família, tiveram filhos, só que os filhos não podiam morar na colônia, eram separados dos pais assim que nasciam, pois eles não nasciam com a doença. Podemos observar os filhos dos hansenianos no “ANEXO H”.

O Dr. Samuel Uchoa levou a cabo os primeiros movimentos em favor dos filhos sadios dos lázaros, criando a Creche Silvia de Araújo e inaugurados as suas instalações, a 29 de maio de 1930. Era um casarão, estilo antigo, de 19 metros de frente por 33 de fundos, edificado em quadrilátero, com uma área livre no centro. A Creche contava com dois dormitórios, de 15 lugares cada um, para meninos e meninas. Ficava de frente do convento das Irmãs Capuchinhas.⁵⁸

Como foi difícil para aquelas pessoas que tiveram que passar novamente pela separação, mesmo indo morar na mesma localidade do leprosário, os doentes não tinham contato algum com seus filhos depois do nascimento, pois as crianças não podiam viver na colônia, nasciam sãs e as dificuldades que passava o leprosário também ocorriam com a creche, assim descreve o Dr. Antônio Justa ao Jornal *O Povo*:

Na creche de Canafistula, onde são recolhidas as criancinhas nascidas no Leprosário Antônio Diogo, está reinando extrema pobreza. Filhas de pais doentes, essas

⁵⁶ Entrevista dada pela Administradora da Colônia de Antônio Diogo, no dia 27 de Junho de 2014, Rosa Maria da Silva Moura.

⁵⁷ NÓBREGA, Carmelita de Aguiar. **Colcha de Retalhos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p.58

⁵⁸ LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988, p. 71.

crianças não herdam a lepra, é verdade, mas nascem fracas.⁵⁹

As dificuldades sociais foram vividas com muitas lutas e dores, resultado das marcas que a doença deixava, tanto físicas, como psicológicas. Que expectativas tinham os hansenianos de vida, tudo lhe foram tirados, família, lar e agora os filhos.

A hanseníase passou por várias fases, e junto vieram novas expectativas foi na década de 50 que novos rumos começaram a surgir na vida do hanseniano, Francisco de Lima descreve como ocorreram as medidas sobre a hanseníase no Brasil:

O Brasil atrasou-se um pouco (cerca de 30 anos) em adotar as medidas mundialmente recomendadas, mas entrou na corrente moderna com o Decreto (federal) n.º 968, de 7 de maio de 1962, que revogou o draconiano e prejudicial “isolamento compulsório indiscriminado” imposto pela legislação de 1949. Na verdade, há muito se proclamava a desnecessidade deste internamento doloroso, pois a hanseníase é relativamente benigna, não mata, não impõe a hospitalização e pode ser tratada em dispensários com uma eficácia comprovada.⁶⁰

Estas situações decorreram na vida dos primeiros moradores da colônia, que sofreram por viverem totalmente isolados, só a partir dos avanços dos estudos da medicina, debates e congressos puderam viabilizar os espaços que estavam segregados e já sentiam a visão sobre o que a sociedade tinha do doente. Os Congressos de Hanseniológicos de Manila que aconteceu em 1931 e o outro em Cairo no ano de 1937 foram discutidos sobre a proposta de mudança do nome da doença pedido por vários doentes e analisaram o isolamento desaprovando a hospitalização.

Mas apenas em 1956 as expectativas de futuro na colônia vieram como uma esperança, uma grande possibilidade de cura fez renascer em inúmeras pessoas que estavam na colônia, uma alegria destacada no livro *Colchas de Retalho* da autora e irmã que trabalhou na colônia:

Dia 25 – Um sonho foi realizado. A expectativa era muito grande. Aquela noite deve ter sido inesquecível para todos. Logo cedo, o chefe do Serviço de Profilaxia de Lepra acompanhado dos médicos: Dr. Luis Costa, Dr. Medeiros Dantas e Dr. Osmar Matos Chegaram à Colônia com o objetivo de examinar os doentes que estavam preparados para receber alta hospitalar. Foi

⁵⁹Idem, p-72.

⁶⁰Idem, p-93.

a primeira perícia realizada na Colônia Esse primeiro grupo despertou esperança na cura. Colônia em festa, a alegria tomou conta de todos nós.⁶¹

A perícia realizada ocasionou há muitos uma nova possibilidade de viver novamente do meio em que foi retirado, de viver com seus entes queridos ou até buscar realizar sonhos que foram deixados para trás. As esperanças surgiram novamente a partir do fato de ser possível fazer o tratamento em dispensários, em toda história de dor e tristeza vividos por causa da hanseníase, como é possível superar um estigma deixado pela própria sociedade. O preconceito existia deste o momento que a própria população exigia o afastamento dos acometidos pela doença. O ex-interno José Arimateia fala sobre a força de superação do estigma que passou diante da doença:

A revolta minha, revolta maior foi por que eu sempre sonhei em servi o exército, tanto que com 17 anos eu fui me apresentar em Fortaleza e um dos médicos que tinha me dado alta aqui disse que ali não era caminho pra mim, eu perguntei por que, por que você saiu da Colônia agora e ainda tem que fazer um ano de tratamento, e não vai dar certo, não dá pra você. Aquilo me revoltou, que não tevi infância, não teve adolescência praticamente naquela época, ninguém saia da colônia, era do portão para trás, e daí eu fiquei revoltado, foi brincar, foi viver aquilo que não vivei pra atrás e aqui o resultado.⁶²

Apesar da alta médica, a maioria deles não retornou para casa porque uns fizeram laços efetivos fortes, criaram uma nova família e outros perderam o vínculo com as famílias e, com sequelas deixadas pela hanseníase, ficaram impossibilitadas de trabalhar. Com a descoberta da cura da doença os portões foram abertos deixando os hansenianos à vontade para volta seu antigo lar. A vida lá fora não foi fácil, como nos conta a Irmã Eugenia:

Assim, preparei um documento, pedindo algo especial. Tratava-se dos egressos. Os doentes que obtinham alta e continuavam frequentando a Colônia porque não conseguiam emprego e passavam necessidade. Uma agonia para nós. Pedir-lhe que desse aos egressos um salário mínimo mensal, no que fui, prontamente atendida.⁶³

⁶¹ NÓBREGA, Carmelita de Aguiar. **Colcha de Retalhos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p. 56.

⁶² Entrevista dada pelo ex-interno José Arimateia Costa, no dia 27 de Junho de 2014.

⁶³ NÓBREGA, Carmelita de Aguiar. **Colcha de Retalhos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p.56-57

Mesmo com a oportunidade de viver novamente no meio urbano os ex-internos travaram uma grande luta para conquistar o direito a uma vida digna. As dificuldades enfrentadas fizeram com que alguns desistissem e buscassem o isolamento da Colônia como proteção. “Têm muitos que foram embora e depois não se habituaram e pede para voltar”⁶⁴, relatou a atual administradora da Colônia. Alguns tiveram muitas dificuldades, pois não podiam sair da colônia, por ter perdido vínculos sociais e principalmente familiares, além de sofrerem muito com as sequelas físicas e psicológicas deixadas pela doença.

O senhor José Arimateia não pode viver o maior sonho da sua vida por causa do preconceito que ainda é muito forte, mesmo sem sequelas naquele tempo ele não pode ser o que tinha idealizado para sua vida, havia recebido alta em 1956, mais devido ter recebido um não da sociedade se revoltou e foi brincar se divertir e deixou o tratamento de lado e por causa da indignação que sentiu sofreu ainda mais, principalmente visto que abandonou o tratamento e a doença se agravou deixando com sequelas e voltou a morar dentro da colônia, porém tudo isso não o abateu:

E quando já piora tinha vindo eu já tinha recebido alta a segunda vez, aí criei vergonha na cara que tava com a seqüela e procurei ter outra postura de vida totalmente diferente daquela que eu tinha colocado na minha cabeça, de viver do período que fiquei isolado totalmente para a sociedade e aí eu serviu de exemplo para o país inteiro de como dar a volta por cima e alcançar os meus objetivos na vida que hoje eu alcancei de andar nos setores governamentais, ter livre acesso, ser bem recibo e ser muito bem querido, na parte política.⁶⁵

O ex-interno hoje busca ser reconhecido como ser social, luta pelos direitos e no grupo que faz parte MORHAN (Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase):

O Morhan é uma entidade sem fins lucrativos fundada em 6 de Junho de 1981. Suas atividades são voltadas para a eliminação da Hanseníase, através de atividades de conscientização e foco na construção de políticas públicas eficazes para a população. O Morhan luta pela garantia e respeito aos Direitos Humanos das pessoas atingidas pela

⁶⁴Entrevista dada por Rosa Maria da Silva Moura, atual administradora da Colônia de Antônio Diogo, no dia 27 de Junho de 2014.

⁶⁵Entrevista dada pelo ex-interno José Arimateia Costa, no dia 27 de Junho de 2014.

hanseníase e seus familiares, temos no voluntariado nossa maior força de luta.⁶⁶

Reconhece o estigma que existe sobre o interno e ex-interno e procurou vencer a doença, hoje tem um senso crítico de consciência e ver a sociedade na sua real dimensão. “Um movimento popular de políticas sociais e que todo mundo trabalha voluntariamente, o presidente do MORHAN, não tem nada a ver com hanseníase. Sou do departamento da executiva nacional e sou daqui.”⁶⁷

Assim como esta história existem várias outras de pessoas que buscaram ser inseridas novamente na sociedade e por causa do estigma criado na sociedade viram espaços agora restritos, e às vezes quase nenhum. Assim fala a Rosa Maria administradora:

Eles deveriam ter espaços muito maiores, ainda é restrito, no banco eles tem direito de irem e virem, onde e hora que quiserem, mas eles ainda são discriminados, principalmente nos locais públicos, como no banco, tem muita gente que fica de lado, outros sair de perto. Eles deveriam ser mais acolhidos pelo povo lá fora, por que a maioria não se aproxima dele por falta de informações, não sabe que hoje a hanseníase e como uma doença qualquer e na hora que começa fazer o tratamento não tem perigo nenhum de contágio.⁶⁸

Esse doloroso problema trouxe marcas físicas e deixavam traumas, a população não aceitava de forma nenhuma a dolente doença. No vídeo a moradora da colônia Maria do Espírito Santo fala das características da doença:

A pele toda feia, nojenta, e as pernas, andando devagarzinho é tudo. Ave Maria, e essa doença foi a doença mais ruim que o cão deixou no mundo foi essa, pode crer, por que é uma doença que o bonito fica feio, quem é feio fica horroroso é uma doença que não mata mais maltrata.⁶⁹

O sofrimento da sequela deixada pela doença os deixou marcados, diante da situação de preconceito, muitos sofreram e outros ainda sofrem diante da humilhação

⁶⁶ Disponível em <<http://www.morhan.org.br/institucional>>. Acessado em 07 de julho de 2014, às 13h24min.

⁶⁷ Entrevista dada pelo ex-interno José Arimateia Costa, no dia 27 de Junho de 2014.

⁶⁸ Entrevista dada por Rosa Maria da Silva Moura, atual administradora da Colônia de Antônio Diogo, no dia 27 de Junho de 2014.

⁶⁹ Depoimento da interna Maria do Espírito Santo no minuto 01m: 32s ao 01m: 52s no Vídeo produzido pelo os alunos da UFC.

que não conseguem esquecer, o isolamento imposto pela sociedade. Mas, o indivíduo isolado carrega consigo a dor pelo internamento compulsório do passado e suas dolorosas consequências, hoje a Colônia e um Centro de Convivência que busca inserir o hanseniano no meio social. Com a conquista de reconhecimento que houve na sociedade procuram meios de incluí-los no meio social, com trabalhos que ainda continua limitado, mas são caminhos que tem seguido para o crescimento do ser não mais isolado. Os trabalhos que se seguem no Centro de Convivência de Antônio Diogo são destacados pela Rosa Maria e também mostrados nos ANEXOS I e J.

Temos um grupo de auto-ajuda, eles fazem artesanato, confeccionam, pintam, e acompanhado pela assistente social e a fisioterapeuta. Fazem a feirinha com os produtos produzidos por eles, e com o dinheiro arrecadado, fazem passeios, vai para praia, sítio. Também junto com a prefeitura tem projeto em que eles estudam, tem uma orientadora para alfabetizá-los. Participam de celebrações religiosas fora da colônia. Os filhos dos hansenianos estudam nas escolas de Antônio Diogo, tem o direito de fazer uma faculdade, o que antes não era assim, o vínculo de acesso as relações estão bem maiores.⁷⁰

Hoje muitos reconhecem o erro referente ao trato da hanseníase que os atingiu brutalmente, esse erro foi da ciência, do governo e da sociedade. Para reparar esse erro o Governo procurou indenizá-los por meio da concessão de pensões previdenciárias destinadas aos internos mais antigos. Embora esse benefício não apague a cicatriz deixada pelo isolamento a que foram submetidos, ele deve ser percebido como uma conquista dos internos e da sociedade que busca redefinir a sua visão da doença e dos doentes. Essa nova realidade tem sido motivo de especulação sobre o destino da Colônia.

Ficam pensando qual o futuro da colônia, pois a hanseníase não tem mais internação, o paciente faz o tratamento em casa e a tendência é a colônia acabar é uma unidade com dias contada, mas enquanto tiver um paciente, temos a obrigação de mantê-la e estar tornado um ambiente mais agradável, a colônia com mais de 80 anos e tinha paciente que nunca tinha vinha para o lado externo, o convento, a parte administrativa, outro dia andou pessoas de paciente antigo e tinha maior curiosidade de conhecer a parte do convento, na época não tinha acesso, não podiam passar para este lado, hoje eles já caminham para todos os lados vem para parte da

⁷⁰ A administração relata os trabalhos que a instituição realiza com o hanseniano numa entrevista concedida no dia 27 de Julho de 2014.

administração, sentam com a gente, conversam a vontade. O ambiente hoje já não tem mais aquela imagem de um lugar reservado, perigoso como as pessoas falavam, os familiares ficam na casa deles, comem, e assim tornando um ambiente agradável.⁷¹

Hoje a Colônia tem os portões abertos, é uma comunidade onde vivem várias famílias e alguns internos. Muitas pessoas frequentam sem receio os espaços que um dia foram isolados e participam das celebrações religiosas que ali ocorrem. Apesar de ter sido um ambiente de exclusão e constituídos muitas marcas de sofrimento, a colônia se transformou num ambiente aprazível e cada vez mais significativo.

O reconhecimento de pessoas que foram acometidas pela hanseníase como um ser humano na sociedade deveria ser maior e também oportunizar aos hansenianos trajetórias que deveria significar mais do que criar movimentos que fossem além das práticas de beneficência e de caridade. Pois assim iriam ter uma vida digna e com direitos como qualquer ser social.

E, desta forma, o preconceito que prejudica a muitos, mostra uma realidade terrível, de forma que os deixa sentir na pele o estigma que a doença carregava, e que está vivo em pleno século XXI.

⁷¹Entrevista dada por Rosa Maria da Silva Moura, atual administradora da Colônia de Antônio Diogo, no dia 27 de Junho de 2014.

CONCLUSÃO

“Há 60 anos, todos os que vivem ou chegam a Antônio Diogo buscam o sol. Buscam a luz. Sonham com as amplidões que se encurtaram na noite de 1928, quando homens e mulheres, por serem doentes de hanseníases, ficaram sem liberdade, sem direito à cultura, sem voz na História.”⁷²

Ao realizar a pesquisa que resultou neste TCC, pude constatar que a característica mais marcante da vida dos hansenianos foi o isolamento.

A sociedade de um modo geral buscou afastar os hansenianos do seu convívio materializando, assim, o preconceito gerado pelo medo de contágio e pelo desconforto que a visão dos corpos deformados se causava. O processo de remodelação e crescimento urbano na década de 1920, também contribui esse repúdio à doença e ao feio. Naquele tempo não havia tratamento, nem medidas profiláticas, não se conhecia a maneira de prevenção e combate a lepra, isso também reforçou o apoio à condução dos doentes para viverem isolados.

Neste sentido o isolamento foi uma forma de se prevenir, tirando do centro das cidades pessoas que naquele momento era o atraso social. A Colônia de Antônio Diogo é um centro de convivência, onde os sujeitos puderam reconstruir relações afastadas da sociedade, por ser um grupo de doentes puderam transformar e dividir suas angustias de ser excluídos.

Levando-se em consideração aspectos abordados nos periódicos da época, a sociedade buscou o isolamento dos hansenianos materializando, assim, o preconceito gerado pelo medo de contágio e pelo desconforto que a visão dos corpos deformados se causava.

Para tornar evidente a importância histórica da Colônia para a cidade de Redenção e também para estado do Ceará, a representação da lepra obteve significados que designam junto com o sujeito um atributo de idéias e associações ligadas pelas experiências de dor e sofrimento que a sociedade impôs aos doentes, que passaram a reunir outros valores do que se constituía a doença. A lepra era caracterizada não só pelas alterações no corpo, a partir das referências a textos bíblicos, ela era definida como uma impureza na alma, como expressão do castigo divino sobre o pecador.

⁷² LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988, p. 08

Apesar da lepra ser vista com muita gravidade no texto bíblico, ou talvez por isso mesmo (é difícil precisar), as pessoas agredidas pela doença tiveram o maior auxílio da Igreja Católica, padres e freiras da Ordem Franciscana tiveram destaque na luta em prol do cuidado dos doentes. O apoio recebido dos religiosos foi importante para manter viva entre os internos a esperança de uma vida melhor.

Por meio de pesquisa procurei conhecer as experiências vividas pelos internos da Colônia e por outros atores sociais a ela ligados direta ou indiretamente. Registrar a história de doença do ex-hanseniano com suas vivências pode se perceber que esses espaços sociais foram retirados do interno e que depois de muitos anos viverem no meio social foram umas das maiores dificuldades, pois a sociedade criou uma imagem de preconceito sobre esses sujeitos. “... por que a maioria não se aproxima dele por falta de informações, não sabe que hoje a hanseníase é como uma doença qualquer...”⁷³ Esse relato de D. Rosa Maria administradora da Colônia confirma que os espaços percorridos pelo o ex-hanseniano são marcados pelo fato ter tido a doença, e que a falta de informação faz com que sempre o olhar da sociedade o discrimine.

Através de vários estudos da medicina e conferências pode se perceber que a doença não era contagiosa e que o tratamento poderia ser feito em dispensários, e que hanseníase tem cura. Porém levaram muitos anos para reparar tal erro social, pois o isolamento compulsório deixou marcar e sequelas profundas naqueles que viveram isoladas, maioria sem apoio familiar. O fim do isolamento compulsório não reparou os danos causados as pessoas que foram internadas involuntariamente longe dos laços familiares e do convívio social.

Os movimentos filantrópicos contribuíram, mas que os governos não amparam os doentes. A preocupação maior dos governantes era manter os doentes afastados dos centros urbanos, isso é constatado pela moradora de Antônio Diogo, Dona Silvia Helena, ao falar da construção do leprosário na localidade.

Para serem retirados do convívio da sociedade e serem isolados para controlar a doença que era um terror para toda sociedade e por ser distante dos centros urbanos.⁷⁴

⁷³Entrevista dada por Rosa Maria da Silva Moura, atual administradora da Colônia de Antônio Diogo, no dia 27 de Junho de 2014.

⁷⁴Entrevista dada por Silvia Helena Pereira da Silva, moradora de Antônio Diogo, no dia 10 de Julho de 2014.

Depois de ter o lar, os hansenianos passaram dificuldades sociais, também o Estado deixou a desejar. Os casos de hanseníase cresciam no Ceará, e o leprosário ficou lotado de doentes que enfrentaram muitas dificuldades sociais e a ajuda que governo repassava não era o suficiente. A historiadora Zilda de Lima destaca:

Algumas empresas e associações de trabalhadores contribuíram bem como o Estado, mas não havia uma regulamentação sobre os direitos dos leprosos no que consistia à assistência pelos poderes constituídos. Nesse sentido, eram as doações que constituíam a principal fonte de renda também da leprosaria cearense.⁷⁵

Os benefícios, indenizações que o governo disponibilizou para as pessoas marcadas duramente pela doença não apagou e nem apagará a dor, o sofrimento e, mais grave, o estigma negativo deixado pela doença. Também o estado deixou a desejar, os casos de hanseníase cresciam no Ceará, e o leprosário ficou lotado de doentes que enfrentaram muitas dificuldades sociais e a ajuda que o governo repassava não era o suficiente.

Pode se analisar, pelos depoimentos do interno e do ex-interno que as relações ficaram restritas, não só pelas sequelas físicas, mas por não conseguir materializar um futuro e sonhos que desejavam para suas vidas.

O que se pode destacar, também, é que o local da construção do leprosário influenciou a constituir opiniões na sociedade a respeito da população da localidade. O preconceito que existe ainda é muito grande. A imagem distorcida, estereotipada que existe sobre hanseniano acabou transmitindo para outras pessoas que vivem próximas a internos ou a ex-internos.

Por outro lado, os diálogos com internos e ex-internos, durante a realização das entrevistas, revelou que na vivência diária do leprosário foram construídas novas sociabilidades para além da doença. Em suas narrativas eles sempre destacavam a participação dos internos em atividades de recreação e em festas. Há relatos de internos que se casaram e constituíram família dentro da Colônia. Tudo isso evidencia a diversidade e a riqueza da experiência social, mesmo que sob condições tão adversas,

⁷⁵LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937)**. Fortaleza: RDS, 2009. p. 88

todos se constituem como sujeitos de sua própria história como ensina Edward. P. Thompson.⁷⁶

Por meio da experiência vivida nesta pesquisa adquiri um aprendizado que levarei para toda vida: mesmo em condições de extrema existência, devemos sempre buscar fazer da vida algo novo e melhor.

Ao concluir essa pesquisa considero que ela permitiu evidenciar a importância do estudo das relações que a sociedade estabelece com a doença.

Analisando a forma como a hanseníase foi tratada no Ceará, mais especificamente na Colônia de Antônio Diogo, espero ter contribuído um pouco para a compreensão da trajetória de vida dos doentes que por ali passaram, bem como para o combate ao preconceito que os hansenianos ainda sofrem nos nossos dias.

Por fim, deixo o apelo feito por Rosa Maria da Silva Moura, atual administradora da Colônia de Antônio Diogo, durante a entrevista que me concedeu, na certeza de que conhecer é o primeiro passo na superação dos preconceitos.

As pessoas precisam conhecer e visitar mais a colônia, principalmente os jovens, pois as experiências vividas aqui na colônia e que faz agente crescer, pois a realidade daqui é muito difícil, pois encontramos pessoas com sequelas no corpo (sem nariz, pernas, braços) e ainda respondem que estar tudo bem. Que todos tivessem conhecimento das pessoas que vivem aqui, não está mais isolado, estão aqui e são esquecidos por muitos e precisam de atenção.⁷⁷

⁷⁶THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou o planetário de erros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981, pp. 82-85.

⁷⁷Entrevista dada por Rosa Maria da Silva Moura, atual administradora da Colônia de Antônio Diogo, no dia 27 de Junho de 2014.

REFERÊNCIAS

Fontes Escritas

Jornal **Correio do Ceará**. Agosto de 1922.

Jornal **O Nordeste**. Setembro de 1922; Agosto de 1928; abril de 1935.

Decreto Nº 16.300, de 31 de Dezembro de 1923, Aprova o regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/D16300.htm>. Acesso no dia 14 de Março de 2014 às 15h: 32s.

MORHAN. Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase Disponível em <<http://www.morhan.org.br/institucional>>. Acessado em 07 de julho de 2014, às 13h24min.

Fontes Orais

José Arimateia Costa. Entrevista concedida a Luanisia Braulino em 27 de Junho de 2014.

Jose Otaviano de Souza. Entrevista concedida a Luanisia Braulino em 25 de Junho de 2014.

Rosa Maria da Silva Moura. Entrevista concedida a Luanisia Braulino em 27 de Junho de 2014.

Silvia Helena Pereira da Silva, Entrevista concedida a Luanisia Braulino em 10 de Julho de 2014.

Bibliografia

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CHALHOUB, Sidney. **A cidade febril**. Cortiços e epidemias na Corte Provincial. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

LIMA, Francisco. **60 Anos Em Busca do Sol**. Imprensa oficial do Ceará - IOCE, 1988.

LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920 – 1937)**. Fortaleza: RDS, 2009.

NÓBREGA, Carmelita de Aguiar. **Colcha de Retalhos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. **Fortaleza belle époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1999

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 14, fev/1997, p. 25-39.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou o planetário de erros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 6, 2011, Salvador. **Anais Leprosários Cearenses: Entre a caridade, o estado e a Ciência (1928-1942)**. Salvador: Universidade Estadual da Bahia, 2011.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. 3ª Ed. São Paulo, 1995.

ANEXO A

Entrada e Moradia dos Hansenianos na Colônia Antônio Diogo

As casas foram construídas em alinhamento, formando vilas de casas.



Fonte: Acervo Histórico da Colônia Antônio Diogo

ANEXO B

Estrutura da Administração da Colônia

O prédio da administração era um espaço onde os hansenianos não podiam trafegar, onde as Irmãs Franciscanas trabalhavam.



Fonte: Acervo Histórico da Colônia de Antônio Diogo

ANEXO C

Capela da Colônia Antônio Diogo, que tem a devoção à Santa Imaculada Conceição



Fonte: Acervo Histórico da Colônia Antônio Diogo

ANEXO D

As visitas da família com o Hanseniano na Colônia

As visitas na Colônia Antônio Diogo eram feita através de paredes de concreto e bloco de vidro.



Fonte: Acervo Histórico da Colônia Antônio Diogo

ANEXO E

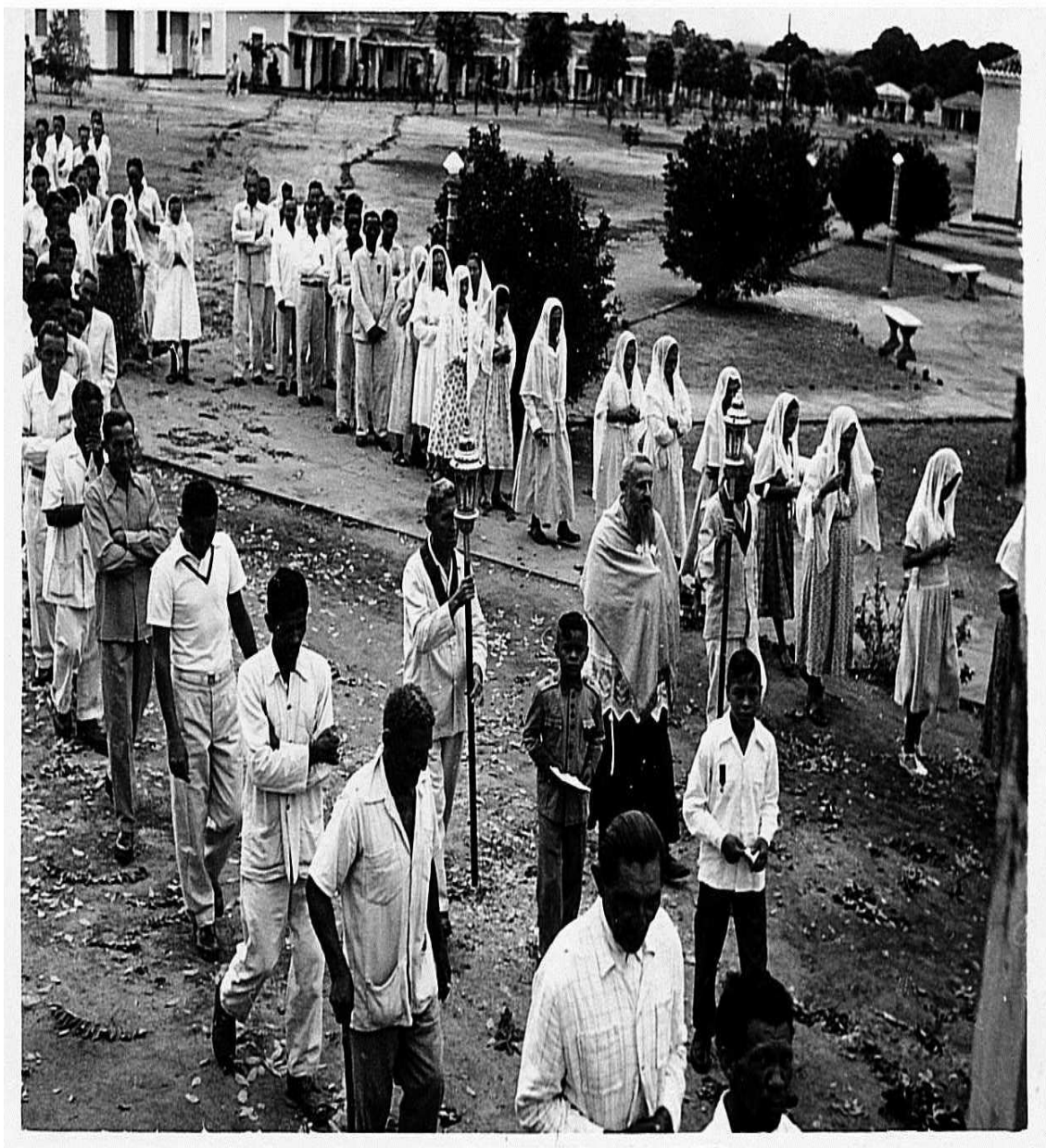
Socialização dos Hansenianos com as Celebrações Religiosas na Colônia



Fonte: Acervo Histórico da Colônia de Antônio Diogo

ANEXO F

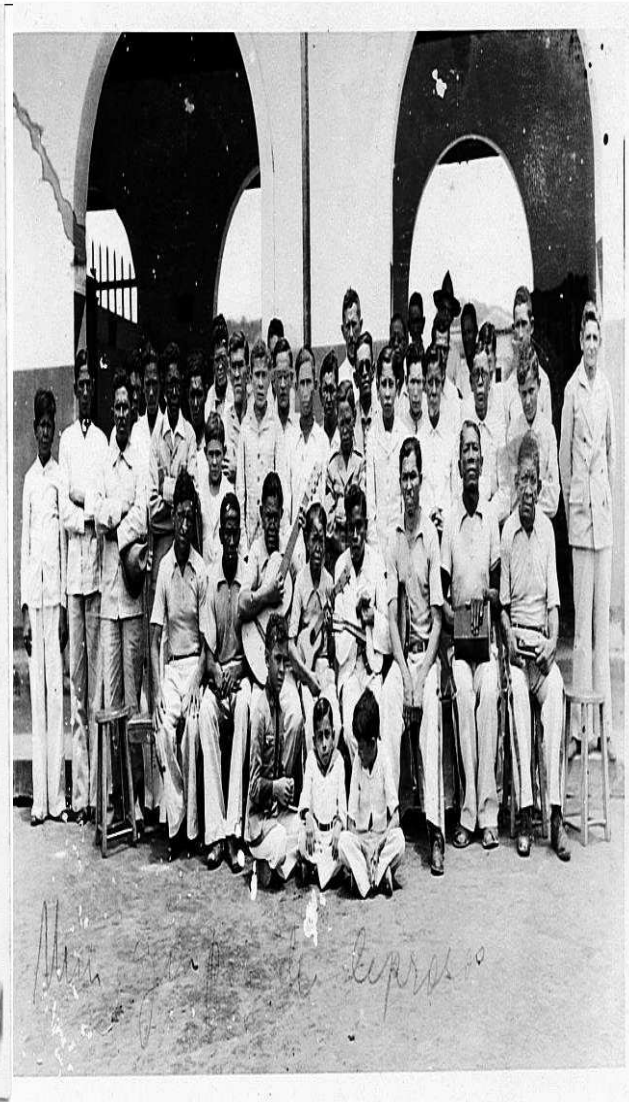
Ressocialização dos Internos nas Celebrações Religiosas



Fonte: Acervo Histórico da Colônia Antônio Diogo

ANEXO G

Festas e o Grupo Musical da Colônia Antônio Diogo

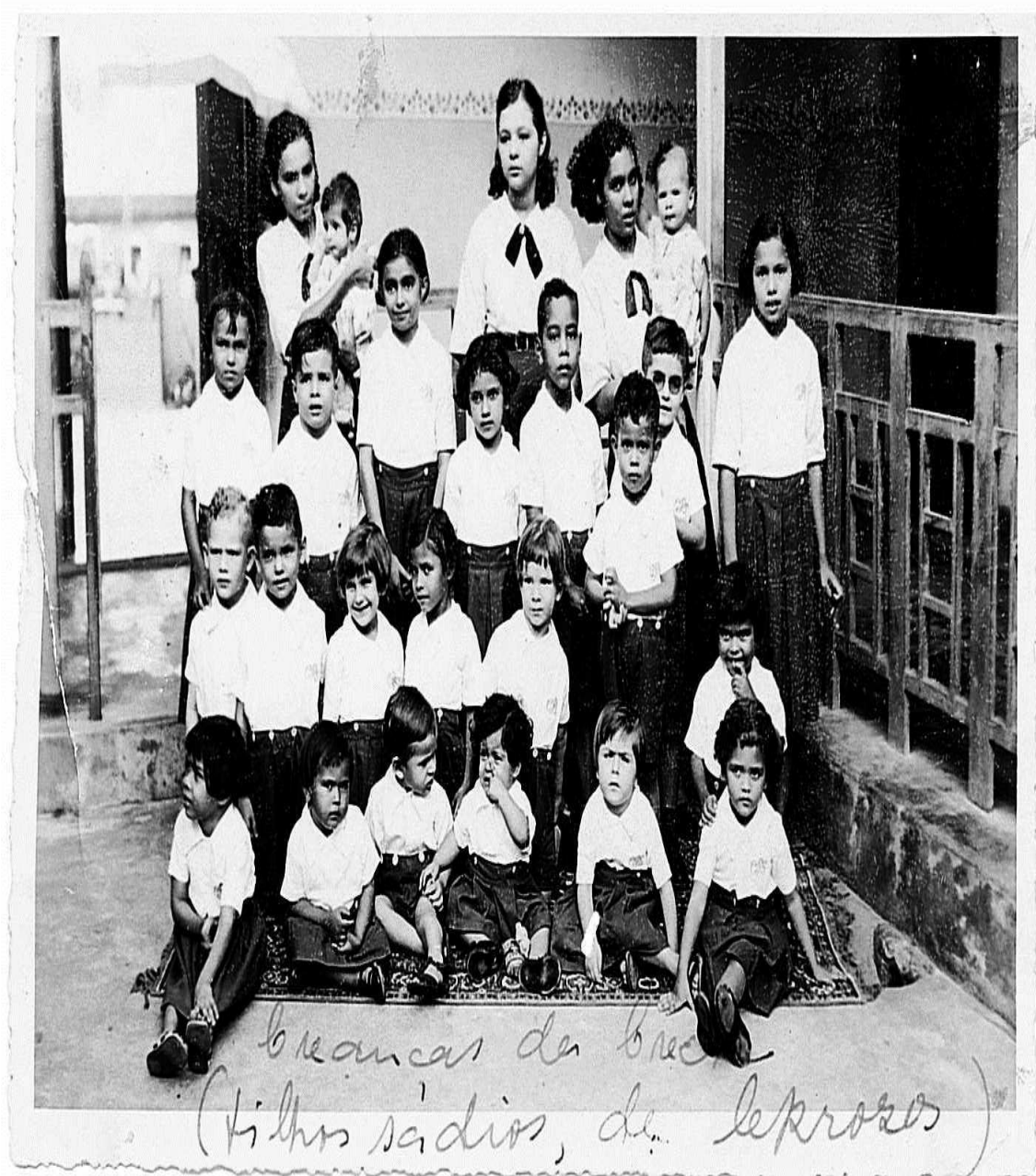


Fonte: Acervo Histórico da Colônia Antônio Diogo

ANEXO H

Filhos dos Hansenianos

As crianças foram separadas dos pais por que nasciam sadios e moravam na Creche ao lado da Colônia Antônio Diogo.



Fonte: Acervo Histórico da Colônia Antônio Diogo

ANEXO I

Trabalhos e atividades feitas pelo Hanseniano na Colônia de Antônio Diogo.

Hoje os trabalhos e atividades que seguem na Colônia, buscam meio de interação social do hanseniano proporcionando uma vida melhor e digna. Hansenianos tem aulas de alfabetização e feirinhas promovidas por artesanatos produzidos pelo os mesmos.

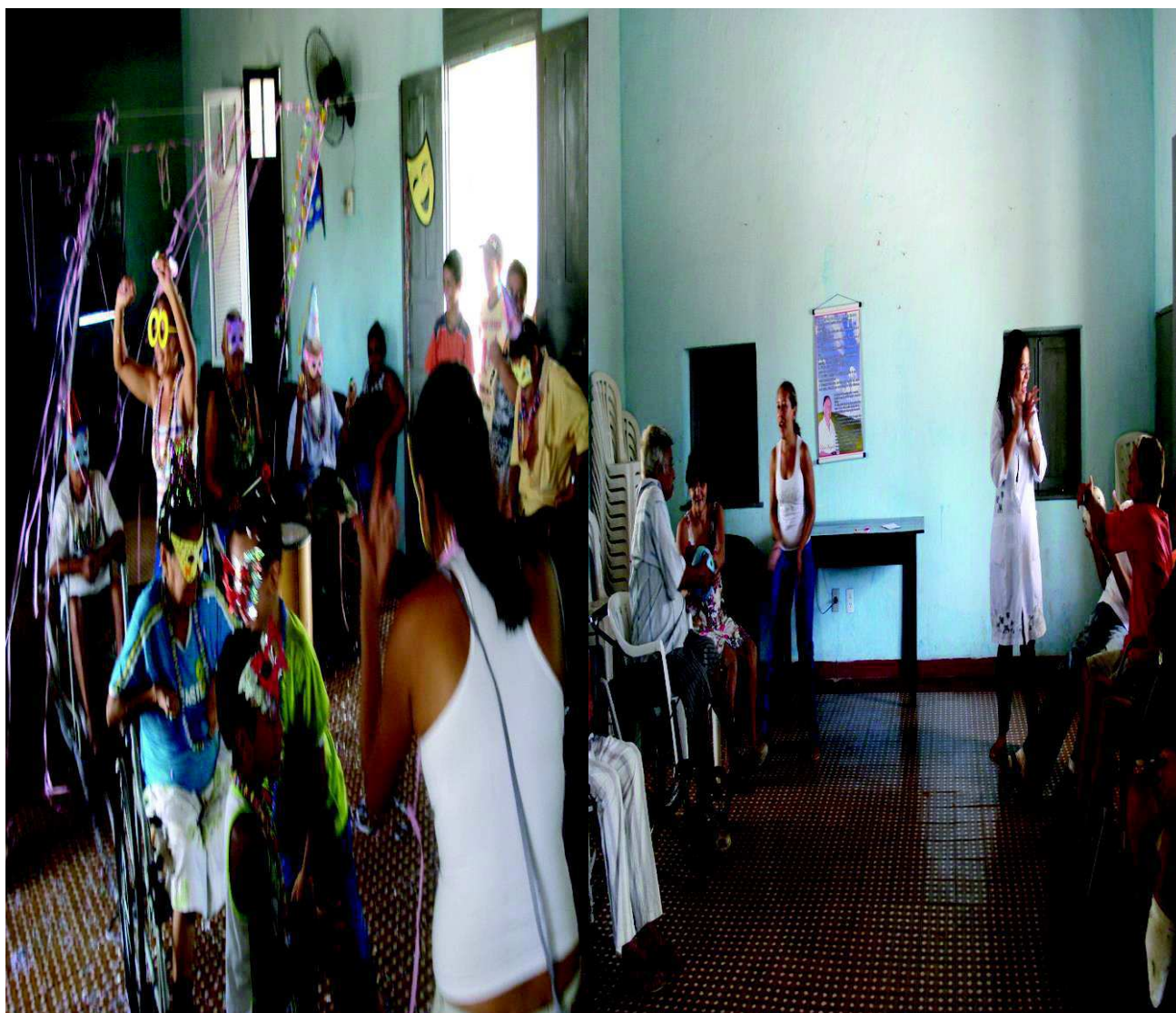


Fonte: Acervo Histórico da Colônia de Antônio Diogo

ANEXO J

Atividades de recreação

Na Colônia Antônio Diogo os Hansenianos passam momentos de recreação e comemoração festivas, no Carnaval e Gincana.



Fonte: Acervo Histórico da Colônia Antônio Diogo

ANEXO K



Bacharelado em Humanidades
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Entrevistado(a)
JOSÉ OTAVIANO DE SOUZA
 RG: 933560-85 emitido pelo(a) SSP-CE, domiciliado / residente
 em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): RUA IRMÃ AUGUSTA,
Nº 120 - Antônio DIOGO - REDENÇÃO - CEARÁ - CEP: 62.790-000

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): Luamirsa Bráulino da Silva
 CPF: 008.560.043-16 RG: 2001025001778, emitido
 pelo(a) SSP, domiciliado / residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/
 Estado/CEP): Rua Francisco Silva, Nº 10, Antônio
Diogo - Redenção - CE - CEP: 62.790-000

_____, sem quaisquer restrições quanto
 aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos
 autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à)
 pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Redenção,
 Estado CE, em 25/06/2014, como subsídio à construção do Trabalho de
 Conclusão de Curso (TCC), no Curso Bacharelado em Humanidades da
 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O(a)
 pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar
 e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em
 parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu
 conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:

Redenção, 29 de Julho de 2014

 (assinatura do entrevistado/depoente)

ANEXO L



Bacharelado em Humanidades
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Entrevistado(a)

Jose Arimateu da Costa

RG: 97002083879 emitido pelo(a) SSP-CE, domiciliado / residente

em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

Rua Simião Gomes - Nº 35, Conjunto Novo,

Antônio Diogo - Redenção - CE - Cep: 62790-000

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): Luamiria Bráulino da Silva,

CPF: 008.560.043-16 RG: 2001025001778, emitido

pelo(a) SSP, domiciliado / residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/

Estado/CEP): Rua Francisco Silva; Nº 10, Antônio

Diogo - Redenção - Ce - Cep: 62790-000

_____, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao (à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Redenção, Estado CE, em 27/06/2014, como subsídio à construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:

Redenção, 29 de Julho de 2014

(assinatura do entrevistado/depoente)

ANEXO M



Bacharelado em Humanidades
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Entrevistado(a)

ROSA MARIA DA SILVA DE MOURA GOMES,

RG: 1.154.504 emitido pelo(a) SSP-Ce, domiciliado / residente

em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): RUA IRMÃ DIOMIRA, 03

ANTONIO DIOGO - REDENÇÃO - CEARÁ - CEP: 62.790-000

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): Guarimisa Bráulino da Silva

CPF: 008.560.043-16 RG: 2001925001778, emitido

pelo(a): SSP, domiciliado / residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/

Estado/CEP): Rua Francisco Silva, Nº 10 Antônio

Diogo - Redenção - Ce - CEP: 62790-000

_____, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Redenção, Estado CE, em 27/06/2014, como subsídio à construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:

Redenção, 29 de Julho de 2014

Rosa Maria da Silva de Moura Gomes

(assinatura do entrevistado/depoente)

ANEXO N



Bacharelado em Humanidades
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Entrevistado(a)
Silvia Helena Pereira da Silva
RG: 141448187 emitido pelo(a) SSP-CE, domiciliado / residente
em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): Rua. Pereira Custina -
Nº 441 - Antônio Diogo - Redenção - Ce. - Cep-62790-
000

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): Guariseu Broulner da Silva
CPF: 008.560.043-16 RG: 2001025001778, emitido
pelo(a): SSP-CE, domiciliado / residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/
Estado/CEP): Rua Fco Silva, Nº 10 - Antônio Diogo -
Redenção - Ce - Cep-62790-000

_____, sem quaisquer restrições quanto
aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos
autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à)
pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Redenção,
Estado Ce., em 10/07/2014, como subsídio à construção do Trabalho de
Conclusão de Curso (TCC), no Curso Bacharelado em Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O(a)
pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar
e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em
parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu
conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:

Redenção, 16 de Julho de 2014

Silvia Helena Pereira da Silva
(assinatura do entrevistado/depoente)